

O Turismo na Madeira Oitocentista

Madeira's Tourism in the 19th Century

*Elisabete Rodrigues*¹

Resumo

O turismo na ilha da Madeira tem sido alvo de estudos recentes que analisam o fenómeno turístico atual e em relação ao século XX. Sobre o que aconteceu numa fase anterior existem apenas breves apontamentos. Podemos garantir e não somos os únicos a afirmá-lo, a história do turismo na Madeira ainda está por fazer.

Sendo a ilha da Madeira um destino turístico por excelência, torna-se imprescindível conhecer os seus antecedentes, os inícios do turismo na Ilha tanto numa perspetiva histórica quanto numa vertente prática.

Na atualidade a informação é uma ferramenta indispensável, o conhecimento sobre a temática do presente estudo é fundamental para todos quantos se interessem pelas áreas, entre outras, da História, da Cultura e do Turismo, na Madeira.

Este estudo tem por objetivos principais descobrir os antecedentes do turismo na ilha da Madeira, com especial ênfase para o século XIX, através da identificação da Procura e Oferta Turística na Madeira Oitocentista. Não pretendemos apresentar uma história do turismo na Ilha, mas é nossa intenção contribuir para um melhor conhecimento do fenómeno turístico madeirense num passado relativamente recente.

Para a prossecução destes objetivos recorreremos a diferentes fontes, a artigos e outra literatura já publicada sobre o início do turismo na Ilha e tornaram-se valiosos os dados obtidos na literatura de viagens inglesa, alusiva à Madeira.

Através dos resultados obtidos ao longo da pesquisa, pretendemos responder às seguintes questões, relativamente ao século XIX: (i) Qual a procura turística; (ii) Foram viajantes, visitantes ou turistas, aqueles que por aqui passaram; (iii) Quais eram os fatores de atratividade; (iv) Se existiu turismo, quais as formas de turismo.

¹ Licenciada em «Informação Turística» (Instituto Sup. de Novas Profissões), Mestre em «Cultura e Literatura Anglo-americanas» (Univ. da Madeira) e Doutorada em «Novos Recursos e Sustentabilidade em Turismo» (Univ. de Salamanca). É docente, coordenadora da Licenciatura em Turismo e membro do Conselho Técnico Científico da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre. Tem publicações na área do Turismo e da Cultura. Contacto: elisabete.rodrigues1@gmail.com. Filiação IES: Instituto Politécnico de Portalegre.

Dada a quase inexistência de estudos neste âmbito, julgamos pertinente elaborar o presente trabalho que esperamos venha a tornar-se útil para todos os que até a data têm sentido essa necessidade de informação.

Palavras-chave: Cultura; Turismo; Madeira.

Abstract

Tourism in Madeira has been a common subject of recent studies, which analyse the current tourist phenomenon, especially throughout the 20th century. About what took place prior to that, only a few annotations remain. We can guarantee, and are not the only ones to state, that the history of Madeira's tourism is still in the making.

Being the island of Madeira a tourist destination par excellence, it is required to know its background, the start of tourism on the Island, from an historical but also practical perspective. These days information is an indispensable tool, knowledge over this study's subject is a must, for all those who might be interested in areas such as History, Culture, Tourism and, of course, Madeira.

The main objective of the present study was to uncover the background in which Madeira's tourism originated, emphasizing particularly on the 19th century, through the identification of 1800's Madeira's Tourist Supply and Demand. We do not seek to present the history of tourism on the Island, instead we intend to contribute for a better understanding of Madeira's tourist phenomenon in a relatively recent past.

In the pursuit of such objectives we called upon several sources, mainly articles and other types of literature, previously published, about the beginning of tourism on the Island. English travel literature, allusive to Madeira, provided the most valuable data.

With the obtained results, we intend to answer the following questions, relative to the 19th century: (i) What was the tourist demand; (ii) Were there travelers, visitors or tourists, that came through here; (iii) Which were the factors of attractiveness; (iv) Which were the different forms in which tourism presented itself.

Given the almost absolute absence of studies in this area, we deemed relevant to elaborate this article, and hope that it becomes useful for all those who, up to this point, have felt that need for information.

Keywords: Culture; Tourism; Madeira.

Introdução

De uma forma geral, ao estudarmos uma determinada temática de elevado nível sociocultural ou económico é usual retroceder no tempo e traçar uma abordagem que permita o entendimento de acontecimentos numa fase posterior.

Este estudo tem por objetivos principais descobrir os antecedentes do turismo na ilha da Madeira, com especial ênfase para o século XIX, através da identificação da Procura e Oferta Turística na Madeira Oitocentista. Não pretendemos apresentar

uma história do turismo na Ilha, mas é nossa intenção contribuir para um melhor conhecimento do fenómeno turístico madeirense num passado relativamente recente.

O turismo na ilha da Madeira tem sido alvo de estudos recentes que analisam o fenómeno turístico atual e em relação ao século XX. Sobre o que aconteceu numa fase anterior existem apenas breves apontamentos. Podemos garantir e não somos os únicos a afirmá-lo, a história do turismo na Madeira está por fazer.

Sendo a ilha da Madeira um destino turístico por excelência, torna-se imprescindível conhecer os seus antecedentes, os inícios do turismo na Ilha tanto numa perspetiva histórica quanto numa vertente prática.

Nesta ótica, o nosso estudo tem como objetivos específicos, a resposta às seguintes questões, concernentes ao século XIX:

- Qual a procura turística;
- Foram viajantes, visitantes ou turistas, aqueles que por aqui passaram;
- Quais eram os fatores de atratividade;
- Se existiu turismo, quais as formas de turismo.

Para a prossecução destes objetivos recorreremos a diferentes fontes, a artigos e outra literatura já publicada sobre o início do turismo na Ilha e tornaram-se valiosos os dados obtidos na literatura de viagens inglesa, alusiva à Madeira.

Nesta linha de orientação, optámos por apresentar a procura turística e o perfil deste visitante, com uma focagem particular nos fatores de motivação principais da visita e nas atividades desenvolvidas na Ilha que nos permitiram constatar as formas de turismo existentes no século XIX.

Na atualidade a informação é uma ferramenta indispensável, o conhecimento sobre a temática do presente estudo é fundamental quer para os docentes da área de Turismo, quer para os profissionais de informação turística, bem como para todos quantos se interessem pelas áreas, entre outras, da História, da Cultura e do Turismo, na Madeira.

O artigo está organizado em diferentes partes. Na primeira parte abordámos a revisão da literatura; na segunda parte justifica-se a exposição da metodologia seguida no processo de investigação, constando a discussão dos resultados na terceira parte. A quarta e última parte foi dedicada às conclusões e aos contributos futuros da presente investigação.

Por fim serão apresentadas as fontes.

Revisão da Literatura

Contextualização da Terminologia Técnica

Ao longo dos séculos, a conceção de turismo sofreu diversas alterações, embora sempre ligada intrinsecamente a determinados pressupostos: viajar, conhecer outras culturas, visitar e admirar locais diferentes, aprender, relaxar, descansar, encontrar melhores condições para a cura de uma doença, etc.

Em nossa opinião, o desejo de fazer turismo esteve sempre presente na mentalidade humana, desde os primórdios da civilização, sem que nos apercebêssemos e normalmente camuflado por outras motivações, prioritárias então para a sobrevivência humana, nessas épocas remotas.

A partir do século XIX, começámos a tomar consciência da sua existência, dessa necessidade intrínseca do ser humano e iniciámos um percurso que continua na atualidade, a sua conceptualização, ao tentar encontrar definições que se enquadrem nas sucessivas e imparáveis mudanças da sociedade atual. Os seus estudos têm proliferado, as definições têm sido ajustadas. Presentemente conseguimos compreender o fenómeno turístico sob diferentes prismas o que permite melhorar as nossas atitudes face a uma área multidisciplinar que encerra simultaneamente uma vertente de atividade económica e outra não menos importante, a vertente de atividade sociocultural.

Independentemente das definições aceites mundialmente, entre os estudiosos do Turismo, para a maioria daqueles que “fazem turismo”, o conceito apresenta uma conceção própria, fruto de motivações individuais, de diferentes práticas de estilo de vida e sobretudo dos diferentes “sonhos” de cada indivíduo.

Na realidade, a contestação sobre os “conceitos-chave” do termo “turismo”, cresce cada vez mais. Para tal tem contribuído “a institucionalização do turismo em termos académicos”. De acordo com C. Hall, Allan Williams e Alan Lew, «uma das razões para a confusão conceptual é devida à multiplicidade das abordagens disciplinares e paradigmáticas que foram feitas sobre os fenómenos do turismo.»²

Para uma melhor interpretação do estudo que pretendemos elaborar tornar-se fundamental apresentar os conceitos aceites atualmente que se prendem com o nosso estudo.

² HALL et al., 2004, *Turismo: Conceitos, Instituições e Temas*, p. 27.

O conceito de turismo aparece pela primeira vez no início do segundo quartel do século XX. Desde essa data, outras definições têm surgido. De momento a definição mais aceite é a da Organização Mundial de Turismo (OMT), decorrente da conferência de Otava em 1991, assim como a adotada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), que considera turismo como: «as atividades realizadas pelos visitantes durante as suas viagens e estadas em lugares distintos do seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a 12 meses, com fins de lazer, negócios ou outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado.»³

Muitos estudiosos, ao abordar esta temática, têm tentado separar o lazer do trabalho, denominando “turismo de negócios” à vertente do turismo que apresenta a motivação laboral como principal para uma determinada deslocação temporária, sendo o lazer, a motivação secundária. Este mesmo princípio tem sido aplicado a outros casos, entre eles os relacionados com a religião, desporto, saúde, etc.

Independentemente da distinção que seja efetuada entre motivações principais e motivações secundárias, os conceitos têm mantido dois aspetos coincidentes: a necessidade de deslocação e a duração dessa deslocação. Na verdade só se pratica turismo se existir uma deslocação humana para fora do seu “ambiente habitual” e se ela for temporária, que não exceda 12 meses.

De acordo com o INE, entenda-se por “ambiente habitual” de um indivíduo, a área geográfica (não necessariamente contínua) dentro da qual o indivíduo realiza a sua rotina regular de vida⁴.

O homem desde os primórdios foi um ser que sempre se movimentou, inicialmente por questões de sobrevivência sendo a procura de alimentos a força motriz da sua deslocação. Quando se tornou um ser sedentário não conseguiu, nem o mundo em seu redor permitiu, que desistisse de movimentar-se. Nessa fase os motivos foram outros, prevalecendo os comerciais, de conquista, de descoberta, etc.

Quanto ao termo “Viajante”, as opiniões têm sido unânimes ao longo dos tempos, sendo compreendido universalmente como qualquer pessoa que se desloque entre duas ou mais localidades por tempo indeterminado, independentemente do motivo da viagem.

Em 1963, a Conferência das Nações Unidas sobre o Turismo e as Viagens Internacionais, reunida em Roma, introduziu um novo termo “Visitante”, o qual se subdivide em duas categorias: os “Excursionistas” e os “Turistas”.

³ INE, 2017, *Estatísticas do Turismo 2016*, p. 141.

⁴ INE, 2017, *Estatísticas do Turismo 2016*, p. 143.

Segundo o INE⁵:

- Visitante: é o «Indivíduo que se desloca a um local situado fora do seu ambiente habitual, por um período inferior a 12 meses, cujo motivo principal é outro que não o exercício de uma atividade remunerada no local visitado»;
- Excursionista: «visitante que não pernoita no lugar visitado»;
- Turista: «visitante que permanece, pelo menos, uma noite num alojamento coletivo ou particular no lugar visitado».

Para um estudo mais sistematizado do turismo, optou-se por classificar o turismo de acordo com a origem dos visitantes. Para o estudo que estamos a efetuar, os visitantes enquadram-se no denominado “Turismo Recetor”: «atividades desenvolvidas pelos visitantes não residentes no âmbito de uma deslocação ao/no país de referência (ou região), desde que fora do seu ambiente habitual»⁶.

De acordo com o tempo de permanência nesse país e com o facto de o visitante estar a deslocar-se para um único destino ou mais do que um, essa viagem turística será classificada considerando o respetivo destino principal.

Pelo que, outra questão emerge, como classificar o “destino principal”. Segundo a mesma fonte, constatamos que o destino principal está dependente de algumas circunstâncias. Que será sempre considerado como destino principal, o destino motivante e só quando não seja possível identificar qual o destino motivante, no caso de existir mais do que um serão então considerados outros fatores como o local onde permaneceu mais tempo e em última instância, o mais distante da sua residência habitual.

Quanto às classificações das viagens turísticas, estas dependem essencialmente de dois fatores, os motivos que levam as pessoas a viajar e as características de cada destino. Os recursos de um determinado destino irão determinar a diversidade dos modelos de viagens turísticas desse destino, uma vez que esses atrativos serão os responsáveis pela motivação da visita.

De acordo com as *International Recommendations for Tourism Statistics 2008, Compilation Guide*⁷, uma «viagem turística» só tem um motivo principal, embora o visitante possa efetuar outras atividades no destino turístico, as quais podem ser classificadas em diferentes categorias (Fig. n.º 1):

⁵ INE, 2017, *Estatísticas do Turismo 2016*, p. 143.

⁶ INE, 2017, *Estatísticas do Turismo 2016*, p. 141.

⁷ UNWTO, 2016, *International Recommendations for Tourism Statistics 2008* [...], p. 32.

Fig. n.º 1 – Classificação das Viagens Turísticas

Motivação Principal	
1. Pessoal	1.1. Férias, lazer e recreação
	1.2. Visitas a amigos e familiares
	1.3. Educação e formação
	1.4. Saúde e cuidados médicos
	1.5. Religião / peregrinações
	1.6. Compras
	1.7. Trânsito
	1.8. Outro
2. Negócios e motivos profissionais	

Fonte: UNWTO, 2016, *International Recommendations for Tourism Statistics 2008* [...], p. 32.

Considerámos conveniente uma última referência aos tipos de “produto turístico” por aglutinarem diferentes aspetos relacionados com as características dos locais visitados, dos meios de transporte utilizados, das atividades desenvolvidas no local visitado, dos tipos de acomodação escolhidos, entre outros. Em relação a este aspeto, não existem recomendações internacionais por este tipo de terminologia ainda não estar suficientemente uniformizada ao nível internacional.

Como “produto turístico” referimo-nos, não ao conceito utilizado na vertente dos estudos económicos, mas ao conceito utilizado pelos profissionais de turismo aquando da promoção dos pacotes turísticos. A este nível, podemos enumerar como tipos de produtos turísticos, o turismo urbano, o turismo gastronómico, o turismo de inverno, o ecoturismo, o agroturismo, o turismo de saúde, o turismo sol-praia, etc.

Quanto à procura turística de um país é basicamente estudada tendo em consideração as deslocações dos visitantes estrangeiros e dos visitantes residentes nesse país.

O presente estudo irá limitar-se à procura externa da Madeira, com especial ênfase no século XIX, pelo que estudaremos unicamente os visitantes estrangeiros na Madeira.

Sendo o principal indicador de procura externa fornecido pelas entradas dos visitantes estrangeiros, perante a inexistência de dados estatísticos relativos ao século XIX, recorreremos à literatura de viagens e a alguns trabalhos já publicados, onde tentámos recolher alguma informação a este nível. Da mesma forma tentaremos encontrar um padrão no que concerne as dormidas desses visitantes.

São diversos os fatores que influenciam a procura de um destino, entre outros, podemos citar, a distância, a acessibilidade, a disponibilidade de tempo e dinheiro, características da viagem e características socioculturais (motivações, necessidades).

No que concerne a oferta turística de um determinado destino turístico, esta é constituída por um agregado de componentes, nomeadamente bens, serviços, recursos, atividades, etc. Por outro lado, o critério definidor da oferta turística é aferido através do estudo de tudo quanto os visitantes utilizam num determinado tempo e espaço específico.

O turismo está intimamente relacionado com o movimento de pessoas, o fluxo turístico existente na Madeira no século XIX, tem sido pouco estudado. No entanto, esse estudo é fundamental para a compreensão dos fatores que o influenciaram no tempo e no espaço, que medidas foram tomadas para responder às necessidades desses turistas, o impacto cultural desse turismo, quais as atrações turísticas principais, que itinerários eram efetuados na época, viagens de um único destino (viagem de ida e volta – destino único) ou o chamado circuito, com pontos múltiplos de acesso e de saída e distintos estilos de itinerários nas diferentes áreas de destino.

Para além de tudo isto, sendo o desenvolvimento dos transportes um elemento elementar no progresso de um destino turístico, tentaremos demonstrar que a sua relevância no século XIX foi dominante no movimento de turistas na Ilha.

Uma das características da oferta turística é a sua imobilidade. Ela não pode ser transportada para outro local, daí que caracteriza profundamente um destino, como força motriz da procura turística.

Considera-se que os principais componentes da oferta turística são:

- Recursos Turísticos (naturais ou criados) – clima, flora, fauna, paisagem, praias, montanhas, a arte, a história, os monumentos, etc.;
- Infraestruturas – as básicas de saneamento, abastecimento de água, eletricidade, portos, aeroportos, estradas, facilidades de transporte, etc.;
- Equipamentos – alojamento, restaurantes, entretenimento, estabelecimentos comerciais, etc.;
- Acessibilidades e Transportes – vias de acesso e meios de transporte;
- Hospitalidade e Acolhimento – o espírito de bem receber, a amabilidade, a limpeza, a informação, as condições criadas para receber bem os visitantes.

A Literatura de Viagens e o Turismo na Madeira

Atualmente, a promoção de um destino turístico ocorre dentro de uma variedade de esferas, através de anúncios, websites, brochuras, jornalistas de viagens, agências especializadas na área do marketing, através dos media, de publicações específicas de determinadas áreas, nomeadamente do desporto, da cultura, das artes, das televisões, entre outras.

O papel da promoção no turismo é muito valioso e sublinha a interação da oferta com a procura turística.

Os textos utilizados na promoção de lugares são considerados textos culturais, por transmitirem «representações de conhecimentos etnográficos e de lugares de produção cultural – o culminar tanto da interacção social como das experiências individuais.»⁸

Nesta atmosfera torna-se crucial enunciar a “literatura de viagens”. Tão antiga quanto o próprio ato de viajar, desde cronistas, cientistas, historiadores, jornalistas, escritores, etc., todos tentaram relatar as experiências vividas durante as suas viagens. Nesses relatos encontramos uma panóplia de impressões, emoções e descrições fruto do “olhar próprio” de quem o escreveu, mas cujo grande desejo foi o de partilhar essa informação com o mundo em seu redor. Esta literatura desempenha ainda hoje um papel capital no turismo e nos séculos passados, tendo em consideração os meios de comunicação existentes, podemos afirmar que foi uma ferramenta promocional de eleição, tendo influenciado vivamente a decisão de compra de determinados destinos.

Entre os estudiosos do turismo, a literatura de viagens é «descrita como sendo “pseudoetnográfica”, reflectindo um certo grau de descrição objectiva mas invariavelmente colorida pela experiência pessoal»⁹.

Os primeiros textos, embora sejam documentos de viagens, tiveram objetivos militares e mercantis. Como exemplo de um destes textos, podemos referir as viagens de Marco Polo, no século XIII. Outros sucederam-se, baseados em peregrinações religiosas que incluíram para além das referências religiosas, descrições de locais, de formas de entretenimento, etc. Segundo Mike Robinson «estes relatos permitem importantes descobertas históricas nas experiências dos viajantes e primeiros turistas»¹⁰.

A literatura de viagens ou os registos de viagens, embora com antecedentes medievais e independentemente do atributo de género literário ou não, em que alguns dos seus autores se tornaram mais conhecidos como viajantes do que propriamente como escritores, tornaram-se uma realidade na Europa, a partir do século XV.

Em Portugal, os descobrimentos marítimos proporcionaram-lhe o substrato radicado na necessidade de registo e comunicação de acontecimentos. O prelúdio da literatura portuguesa, no âmbito das narrativas de viagem, tem sido fundamentado em dois textos: a Relação da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia (1497-1499), atribuída a Álvaro Velho e a Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel (1500). Seguiram-se outros, alguns deles, verdadeiras obras literárias.

⁸ MORGAN, 2004, «Problematizar a Promoção de Lugares», p. 205.

⁹ ROBINSON, 2004, «Narrativas de Estar Noutro Sítio: Turismo e Literatura Turística», p. 343.

¹⁰ ROBINSON, 2004, «Narrativas de Estar Noutro Sítio: Turismo e Literatura Turística», p. 344.

Comparativamente, as viagens de exploração no reinado do rei George III constituíram motivo forte para este género de narrativa. Distinguiram-se as narrativas de alguns dos seus comandantes: John Byron (1764-6), Wallis and Carteret (1766-8), James Cook (1768-71, 1772-5, 1776-9) e George Vancouver (1791-5)¹¹. Em Inglaterra, estas narrativas assumiram, na segunda metade do século XVIII, uma forte vulgarização sendo esta a época de maior procura¹².

Segundo Castelo Branco Chaves, o século XVIII presenciou um aumento considerável do número de viajantes que procuravam conhecer novos locais e novas culturas: «agora viajam também os artistas e os escritores, os filósofos e os naturalistas, os ricos curiosos e os nababos enfatiados»¹³. Apesar do acréscimo verificado no número de viajantes, alguns não possuíam os meios necessários para a concretização de uma viagem, pelo que «o francês, o inglês, o alemão que não podiam viajar liam livros de viagens. Assim, nas literaturas europeias setecentistas, com excepção das de língua portuguesa e castelhana, os livros de viagens abundavam e sucediam-se»¹⁴. Por outro lado, algumas narrativas de viagem do século XIX começaram a valorizar aspectos sociais em detrimento das descrições de monumentos, museus, igrejas e instituições, enquanto outras foram trabalhos de naturalistas, cujo principal motivo de viagem foi o científico¹⁵.

Apesar da literatura de viagens não ser considerada um género distinto da literatura, julga-se ter sido a que mais se leu na Grã-Bretanha para além do romance, tendo fornecido a base de muita da literatura infantil¹⁶.

Nos finais do século XVIII, a ilha da Madeira começou a ser ponto de escala privilegiado para o viajante inglês, que posteriormente publicava as suas impressões de viagem quando chegava à pátria, algumas acompanhadas de belíssimas ilustrações. O século XIX presenciou, ainda, um outro tipo de visitantes, os que procuraram uma solução para os seus problemas de saúde, movidos pela celebridade das qualidades terapêuticas do clima madeirense. Esta afluência originou inúmeros testemunhos e guias para inválidos, onde as informações sobre a Ilha sucediam-se, com carácter de aconselhamento para uma permanência ideal.

Segundo Maria dos Remédios Castelo Branco, existe muita ambiguidade nos testemunhos dos viajantes ingleses que escreveram sobre Portugal, sendo necessária

¹¹ S.A., s.d., «The Literature of Travel, 1700-1900», a: §4.

¹² CHAVES, 1987, *Os Livros de viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projecção europeia*, p. 9.

¹³ CHAVES, 1987, *Os Livros de viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projecção europeia*, p. 10.

¹⁴ CHAVES, 1987, *Os Livros de viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projecção europeia*, pp. 10-11.

¹⁵ S.A., s.d., «The Literature of Travel, 1700-1900», b: §8.

¹⁶ S.A., s.d., «The Literature of Travel, 1700-1900», c: §19.

uma seleção, para que lhes seja concedida a respetiva influência como «fonte historiográfica e sociológica de enorme valor, pela variedade de informes que nos prestam, pelos quadros, notação de ambientes e situações sociais que fizeram chegar até nós»¹⁷.

A grande maioria dos testemunhos ingleses sobre a ilha da Madeira remonta, essencialmente, aos séculos XVIII e XIX, embora o primeiro inglês que a tenha referido, Sir Thomas Nicols, a tenha visitado em meados do século XVI¹⁸.

A análise de Maria dos Remédios C. Branco a estes textos, evidenciou um fluxo crescente de publicações, durante o século XIX, onde «o panorama madeirense se desdobra em múltiplos aspectos de observação, o conhecimento dos quais se torna indispensável para os estudiosos da sua história, da sua evolução económica e social»¹⁹, quer pelas observações que ostentam, quer também pelas ilustrações. Considerou, ainda, que das temáticas abordadas nestes registos, o que lhe pareceu mais evidente foi «o contraste cruel que progressivamente se agrava entre a elegância e o conforto das casas dos madeirenses abastados e dos comerciantes ingleses, na beleza paradisíaca dos jardins que as envolvem, e as habitações miseráveis da gente do povo» assim como «o contraste entre os hábitos de vida das diferentes classes»²⁰, concluindo que a importância destes relatos não residia nos factos mas sim no «seu significado cultural e humano»²¹.

Segundo Walter Minchinton a literatura de viagens na promoção da Madeira como destino turístico foi uma peça elementar «to inform tourists, a literature developed. Brown's Madeira, Canary Islands and Azores, first published in 1883, ran through many editions before it ceased publication in 1932. It was specifically designed for the «stop-over» visitors travelling on the Union-Castle liners»²².

Para além de partilharmos de idêntica opinião, também pensamos que a interpretação dos factos relatados, nesses registos, possa ser uma fonte singular para o estudo do fenómeno turístico que inundou a sociedade madeirense dessa época.

Por esse motivo, utilizámos as narrativas de viagens como fonte crucial para elaborarmos a análise das motivações, do comportamento dos visitantes e da oferta e da procura turística da Madeira, apresentada neste estudo.

¹⁷ CASTELO BRANCO, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», p. 199.

¹⁸ CASTELO BRANCO, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», p. 200.

¹⁹ CASTELO BRANCO, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», p. 205.

²⁰ CASTELO BRANCO, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», p. 206.

²¹ CASTELO BRANCO, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», pp. 205-206.

²² MINCHINTON, 1990, «Britain and Madeira to 1914», p. 518.

Metodologia

A ideia principal deste estudo foi descobrir como se desenrolou o turismo na Madeira durante o século XIX com as finalidades já referidas anteriormente.

Para a prossecução desse objetivo recorreremos a diferentes fontes, a artigos e outra literatura já publicada sobre o início do turismo na Madeira e tornaram-se valiosos os dados obtidos na literatura de viagens inglesa e francesa, alusiva à Madeira.

Resultados

Os primórdios do Turismo na Madeira continuam envoltos numa névoa de hipóteses, carecendo de estudos elaborados em profundidade. Para isso têm contribuído as fracas fontes existentes e a dificuldade de acesso a algumas delas.

Os poucos estudos que encontramos circunscrevem-se em simples opiniões de alguns estudiosos, sem que algum deles tenha efetuado, até à data, um trabalho rigoroso de investigação sobre esta temática.

Segundo Iolanda Silva, a «História do Turismo da Madeira está praticamente por fazer»²³. Em sua opinião, podemos afirmar que a Madeira é um destino turístico desde o século XV. Numa primeira fase passou por um turismo “colonial”, entre os séculos XV e XVIII e numa fase seguinte, a “terapêutica” no século XIX e início do século XX²⁴.

A ilha da Madeira desde a sua descoberta oficial pela coroa portuguesa, em 1419/20, cumpriu um papel deveras crucial no processo de expansão. A sua posição geográfica transformou-a no ponto de escala ideal para todos quantos rasgavam o oceano, numa fase inicial foi o excelente local de escala para as rotas de descobrimento ao longo da costa africana, passando mais tarde a ser a escala de eleição nas rotas comerciais e científicas.

A conquista de uma posição estratégica na navegação atlântica aconteceu também graças à:

«[...] importância das suas produções ou da política colonial definida pelo império britânico [...] a obrigatoriedade da escala das embarcações do Cabo, Índia e Antilhas, aliada à disponibilidade do vinho para abastecimento e comércio nas praças de destino, tornaram o Funchal numa escala assídua. A isto acresceu a presença de visitantes na condição de doentes ou turistas»²⁵.

Walter Minchinton é de opinião que a Madeira apresentou ao longo das primeiras

²³ SILVA *et al.*, 1985, *A Madeira e o Turismo, Pequeno Esboço Histórico*, p. 6.

²⁴ SILVA *et al.*, 1985, *A Madeira e o Turismo, Pequeno Esboço Histórico*, p. 6.

²⁵ VIEIRA (coord.), 2010, *História da Cidade do Funchal* [...], p. 3.

centúrias diferentes finalidades para além de porto de importação/exportação: «there were the individual calls of some note. Many British, Portuguese, Dutch and French admiral, governor, official, missionary or savant, on his way to a colonial residence, spent a day or two in Madeira»²⁶, apesar de, já em meados do século XVI, ser conhecida através do seu vinho: «English voyagers began to speak of the good wines grown in Madeira»²⁷.

Desde cedo, pela Madeira passaram algumas personalidades importantes, entre as quais, o Almirante John Benbow, em Janeiro de 1699 com quatro embarcações militares; em Março de 1699, Sir William Norris, parece ter mantido cinco embarcações durante uma semana na Madeira «while Bolton entertained him»²⁸ e o Capitão James Cook, em 1768 e em 1772.

A Madeira foi igualmente procurada por cientistas, ávidos de conhecimentos, para isso contribuiu o valioso património natural da Ilha e o facto de aqui residirem estrangeiros oriundos do país de residência de alguns cientistas, facilitando-lhes assim a estadia na Ilha:

«Instituições seculares, como o *Museu Britânico*, *Linean Society*, e *Kew Gardens*, enviaram especialistas às ilhas proceder à recolha de espécies, enriquecendo os seus herbários. Os estudos no domínio da Geologia, Botânica e Flora são resultado da presença fortuita ou intencional dos cientistas europeus. Esta moda do século XVIII [...]»²⁹.

O turismo na Madeira desenvolveu-se essencialmente com o aparecimento dos barcos a vapor, sendo a Madeira conhecida como destino privilegiado no segmento de «a health and fashionable pleasure resort» para um mercado de aristocratas ingleses: «English people of the leisured classes became increasingly attracted to the island because of its mild climate and lovely scenery»³⁰.

O aparecimento das embarcações a vapor, no século XIX, criou a necessidade de abastecimento de água e carvão, a qual foi determinante na procura do Funchal como porto de escala. Os ingleses foram pioneiros na criação do primeiro serviço de abastecimento de carvão no Funchal, o qual «foi montado em 1838 pelos ingleses Jacob Ryffy e Diogo Taylor»³¹. No último quartel do século XIX, consolida-se o predomínio da navegação a vapor nas rotas transatlânticas, aumentando o movimento de passageiros na Madeira.

²⁶ MINCHINTON, 1990, «Britain and Madeira to 1914», p. 506.

²⁷ MINCHINTON, 1990, «Britain and Madeira to 1914», p. 499.

²⁸ MINCHINTON, 1990, «Britain and Madeira to 1914», p. 506.

²⁹ VIEIRA (coord.), 2010, *História da Cidade do Funchal* [...], p. 105.

³⁰ MINCHINTON, 1990, «Britain and Madeira to 1914», p. 517.

³¹ VIEIRA (coord.), 2010, *História da Cidade do Funchal* [...], p. 26.

Neste estudo são analisadas a Oferta e a Procura Turística da Madeira durante o século XIX à luz do “olhar” daqueles que nos visitaram e que nos legaram os seus testemunhos escritos.

Temos consciência que desde muito cedo e em períodos anteriores ao século XIX, a Madeira ganhou relevância como estância de Turismo Terapêutico, o clima considerado fundamental na cura da tuberculose e de outras doenças do foro pulmonar atraiu muitos visitantes, procura que se prolongou até ao século XX. Atualmente temos conhecimento que o nosso clima não era o ideal para a cura ou convalescença deste tipo de doenças, mas terá sido, sem sombra de dúvidas, uma melhor hipótese face ao clima dos países de residência daqueles que procuraram, ao longo dos séculos, a Madeira.

Por outro lado, houve a intenção de dar a conhecer que a par do já mencionado Turismo Terapêutico, outro tipo de turismo começou a desenvolver-se durante o século XIX.

Viajantes, Visitantes e Turistas

À luz de alguns estudos sobre os estrangeiros que passaram pela Madeira, e em especial, segundo um estudo coordenado pelo historiador Alberto Vieira, sobre os cientistas que nos haviam visitado, conseguimos apurar alguns dados. Embora o nosso estudo se circunscreva ao século XIX, optámos por recuar até ao século XVII, permitindo assim uma melhor perceção do ocorrido durante o século em estudo.

Com base na tabela publicada³², os séculos anteriores refletem o seguinte:

- a) No século XVII, existem referências a cinco pessoas, uma delas sem nacionalidade ou ocupação profissional apurada, das restantes quatro, três eram ingleses e uma de nacionalidade francesa. No que concerne a ocupação profissional, o francês era boticário, quanto aos ingleses, dois eram médicos e/ou naturalistas e o terceiro era capelão e escritor.
- b) No século XVIII encontramos 39 indivíduos: 41% ingleses, 23% franceses, 5% alemães, 1% suecos, 1% português, 1% italiano e 11% sem referência à nacionalidade. Quanto à ocupação profissional, 19% eram botânicos, 17% cientistas; 15% navegadores, 10% exploradores, 9% médicos. Entre as restantes ocupações figuravam escritores, pintores, geógrafos, físicos, meteorologistas, etc.

³² VIEIRA (coord.), 2010, *História da Cidade do Funchal* [...], pp. 155-169.

De acordo com a mesma tabela, o século XIX, exhibe um cenário substancialmente diferente, conforme se apresenta na Fig. n.º 2:

Fig. n.º 2 – Visitantes – Ocupação

Período	Visitantes		Ocupação	%
	Nacionalidade	%		
1800-1825	Ingleses	56	Botânico	21
	Alemães	24	Escritor	17
	Noruegueses	4	Médico/Cirurgião	14
	Italianos	4	Cientista	11
	Dinamarqueses	4	Naturalista	8
	Nac. desconhecida	4	Explorador	8
1826-1850	Ingleses	49	Escritor	24
	Alemães	20	Botânico	16
	Americanos	8	Médico	14
	Dinamarqueses	6	Naturalista	8
	Franceses	5	Geólogo	6
	Austríacos	1	Cientista	5
	Espanhóis	1	Militar	5
	Italianos	1	Meteorologista	4
	Polacos	1	Artista	2
	Prussianos	1	Ornitólogo	2
	Suíços	1	Paleontólogo	2
	Nac. desconhecida	6	Poeta	2
1851-1875	Alemães	40	Botânico	16
	Ingleses	24	Escritor	15
	Austríacos	10	Médico	14
	Franceses	7	Cientista	11
	Portugueses	5	Geólogo	6
	Suíços	1	Explorador	4
	Polacos	1	Zoólogo	4
	Nac. desconhecida	12	Meteorologista	4
			Naturalista	3
Paleontólogo			3	
Filósofo			3	

1876-1900	Alemães	30	Escritor	18
	Ingleses	21	Botânico	17
	Franceses	11	Médico	9
	Austríacos	5	Naturalista	7
	Portugueses	4	Explorador	6
	Belgas	4	Zoólogo	5
	Italianos	2	Cientista	4
	Americanos	2	Ornitólogo	4
	Dinamarqueses	2	Diplomata	2
	Outros	7	Entomólogo	2
	Nac. desconhecida	12	Meteorologista	2
			Militar	2
Oceanógrafo			2	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados publicados por VIEIRA (coord.), 2010, *História da Cidade do Funchal* [...], pp. 155-169.

Para além das ocupações dos visitantes mencionados na figura anterior, encontramos em inferior percentagem, no 1.º quartel do século XIX: navegadores, geólogos, paleontólogos, ornitólogos, zoólogos e meteorologistas; no 2.º quartel: políticos, astrónomos, historiadores, imunologistas, pintores, teólogos, físicos, farmacêuticos, etc.; no 3.º quartel: físicos, químicos, agrónomos, alpinistas, biólogos, diplomatas, ornitólogos, poetas, cartógrafos, juristas, etc. e, no último quartel do século XIX: artistas, biólogos, geógrafos, mineralogistas, astrónomos, etnólogos, artistas, paisagistas e litógrafos, etc.

Deste estudo podemos afirmar que a Madeira foi essencialmente procurada, desde o século XVII por indivíduos cujo motivo de viagem foi o profissional/científico. Essa procura acentuou-se ao longo do século XIX, com especial incidência para a segunda metade do século.

Quanto às nacionalidades destes visitantes, as predominantes nos séculos XVII e XVIII foram a inglesa e a francesa. Ao longo do século XIX, os alemães e os austríacos engrandeceram essa procura.

Enquanto na primeira metade do século XIX, os ingleses foram o principal mercado, na segunda metade do século, foram os alemães os que mais procuraram a Madeira com finalidades profissionais/científicas, seguidos de imediato pelos ingleses, franceses e austríacos.

Quanto às ocupações, aquelas que se repetem, inclusive nos séculos XVII, XVIII e sobretudo durante o século em estudo, foram: botânicos, médicos, escritores, cientistas, naturalistas, geólogos, meteorologistas e exploradores. Esta procura enquadra-se nos recursos primários da ilha da Madeira, em especial no seu património natural.

Quanto ao tipo de visitantes cujo motivo de visita não era o profissional/científico, podemos afirmar que no século XIX, predominou a procura da Madeira como estância de saúde, aconselhada por médicos³³.

Relativamente a estes visitantes, a procura foi essencialmente inglesa: «From England are continually arriving invalids (generally consumptive), who come hither for the benefit of their health, and many who have arrived in an early state of decline, have completely recovered»³⁴.

Em 1821, William Combe confirma-nos a continuidade desta situação. Segundo o seu testemunho conseguimos apurar que os visitantes ingleses procuravam a Madeira por motivos de saúde durante a estação de Inverno³⁵.

Em 1834, Driver oferece-nos um outro dado. Ao exaltar as características do clima madeirense, refere: «Patients who come from the south of France especially remark this quality»³⁶, o que nos permite verificar que a Madeira era também procurada pelos franceses por idênticos motivos, já na primeira metade do século XIX.

Outras nacionalidades engrandeceram essa procura embora ainda nos finais do século XIX, a maioria dos visitantes fosse de nacionalidade inglesa³⁷.

Nas últimas décadas do século XIX, a procura da Madeira começou a sofrer alterações, surgiu outro tipo de visitantes:

«Madeira, though the resort of invalids for so many years, is little known, except to those who have visited it, or to their immediate friends. However, since the increased communication with the Cape has caused the two steamship companies to build and run large and comfortable vessels, the island is more visited than heretofore by persons on their voyage to or from the Cape – sometimes only a few hours, or a week, or a fortnight, en route»³⁸.

A estação de eleição que desde o início do século era o Inverno, embora continuasse a ser a principal, deixou de ser considerada única³⁹. Apesar da transformação que se começou a sentir nos finais do século, a imagem da Madeira como estância de saúde mantinha-se⁴⁰.

Quanto ao número de visitantes, devido à carência de estatísticas relativas ao século em estudo, conseguimos apenas apurar que em 1834, cerca de 80 pessoas haviam

³³ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], p. 5.

³⁴ S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], p. 46.

³⁵ COMBE, 1821, *A History of Madeira* [...], pp. 49-53.

³⁶ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 161.

³⁷ GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver*, p. 6.

³⁸ TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. ix.

³⁹ GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver*, p. 11.

⁴⁰ ALBIZZI, 1888, *Six Mois à Madère*, p. 66.

visitado a Madeira «in search of health»⁴¹ e que nos anos de 1838, 1839 e 1840, o número anual, excedia os 200⁴². De acordo com Driver, em 1837, «upwards of three hundred invalids resorted thither to avoid the inclement weather of England»⁴³.

Sendo os dados contraditórios, o que podemos julgar é que nestes anos, a procura oscilou entre os 200 e os 300 visitantes anuais. Em meados do século a procura aumentou, registando-se chegadas anuais de 300 a 400 pessoas⁴⁴. E nos finais do século o número rondava os 500 visitantes anuais⁴⁵.

Efetivamente, a grande maioria dos visitantes da Madeira durante o século XIX, consubstanciou-se nos doentes pulmonares à procura de uma cura para os seus problemas de saúde. Fugiam aos invernos rigorosos dos seus países e procuravam no Inverno madeirense um clima mais adequado ao seu restabelecimento.

Normalmente chegavam à Madeira durante os meses de setembro, outubro e regressavam aos seus países nos meses seguintes de maio, junho ou julho⁴⁶. Em alguns casos era aconselhado um período de permanência superior, contínuo ou intercalado, através do regresso à Ilha, nos dois Invernos seguintes⁴⁷. Esta opinião irá manter-se ao longo do século⁴⁸.

John Dix, um escritor americano que visitou a Madeira em 1850, diz-nos o seguinte:

«Our residence in Madeira commenced on the 12th of November, and terminated on the 17th March; and my own observations fully confirmed the favorable impressions I had long before received in respect to the general character of the climate. [...] From June to September there is no rain. But it is as a winter climate that Madeira is sought by invalids, and certainly no district of country can be found which, for dryness and moderate warmth combined, presents so many advantages. [...] It would be difficult to find a climate, within the reach of European or American invalids, of which as much can be said. [...] It is rare that an invalid is not most likely to be benefitted by a temperature which, like that of Funchal, never reaches in winter the point of summer heat»⁴⁹.

Em 1851, Robert White confirma-nos que o período de saída dos visitantes não sofreu alterações face ao início do século⁵⁰. No final do século XIX, quando a Madeira já era

⁴¹ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. iii.

⁴² COOPER, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira* [...], p. 24.

⁴³ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. iii.

⁴⁴ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 101.

⁴⁵ GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver*, p. 6.

⁴⁶ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], p. 17.

⁴⁷ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], p. 18.

⁴⁸ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 195; GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], p. 16; GOLDSCHMIDT, 1884, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver Et Été*, p. 11.

⁴⁹ DIX, 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, pp. 150-151.

⁵⁰ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 128.

procurada por outros visitantes, com diferentes motivações, o período de permanência oscilava entre algumas horas, uma semana ou duas⁵¹.

Em 1883, Lady Annie Brassey, visitou a Madeira no mês de outubro, tendo permanecido uma semana na Ilha. A sua viagem era de longo curso, iniciou-se em setembro e terminou em dezembro de 1883, tendo visitado a Madeira, Trindade, Venezuela, Jamaica, Bahamas, Bermudas e Açores⁵².

Em 1888, o Marquês de Albizzi, italiano, refere no seu livro a importância de regressar à Madeira durante três Invernos para obter uma cura perfeita⁵³.

De acordo com os testemunhos apresentados, conseguimos apurar que durante o século XIX, o tempo de permanência da maioria dos visitantes oscilava entre seis a oito meses, durante a estação de Inverno. No final do século com o aparecimento de novas motivações o tempo de permanência de uma minoria oscilava entre algumas horas, uma semana ou duas.

De acordo com os conceitos atuais de turismo, podemos afirmar que durante o século XIX, a maioria dos visitantes eram Turistas e que só no final do século, a Ilha foi igualmente procurada por uma minoria de Excursionistas (aqueles que apenas visitavam a Ilha por “algumas horas”).

Motivações Turísticas

As motivações e necessidades dos que visitaram a Madeira durante o século XIX estiveram essencialmente relacionadas com a saúde e com intuitos profissionais/científicos. Ao longo do século essas motivações sofreram alterações. Tentaremos oferecer uma panorâmica das impressões dos visitantes ao longo do século XIX.

Em 1801, a Ilha era considerada o local ideal e de destaque máximo para a convalescença dos doentes pulmonares, em fase inicial da doença. Por outro lado, sabemos que estes doentes gostavam de conhecer a Ilha e efetuavam alguns passeios⁵⁴.

Em 1819, encontrámos uma opinião que para além de englobar como motivação de visita a saúde, acrescenta duas outras motivações, uma ao nível empresarial/negócios e outra mais subjetiva, que encerra o lazer e o entretenimento para os restantes visitantes⁵⁵.

No Outono de 1823, Edward Bowdich visitou a Madeira, na sua viagem a caminho de Africa. Após a sua morte, em 1825, foi publicado um livro da sua autoria, intitulado

⁵¹ TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. ix.

⁵² BRASSEY, 1885, *In the Trades, The Tropics* [...], pp. xvi, 1-23, 66-83.

⁵³ ALBIZZI, 1888, *Six Mois à Madère*, p. 66.

⁵⁴ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 16-17.

⁵⁵ S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], p. i.

Excursions in Madeira and Porto Santo. Os seus passeios pela Ilha tiveram finalidades científicas. As suas descrições evocam essencialmente a flora, a fauna e a geologia da Ilha. Não encontramos referência aos monumentos, à exceção dos casos em que os refere simplesmente para identificar uma determinada paisagem⁵⁶.

Bowdich desvenda uma motivação, já focada no ponto anterior, a científica, com especial realce para os Botânicos⁵⁷.

W. R. Wilde, licenciado pelo Royal College of Surgeons, na Irlanda e membro da Dublin Natural History Society, visitou a Madeira em 1837, tendo desembarcado no Funchal no dia 23 de outubro. No prefácio do seu livro, publicado em 1840, esclareceu os motivos da sua viagem. Neste texto podemos identificar duas fortes motivações de viagem, sendo a principal, o desejo de conhecer o mundo e a secundária, a saúde⁵⁸.

Wilde transmite-nos igualmente a sua emoção ao contemplar a beleza do cenário madeirense e em sua opinião, não será o clima a única forma de curar o doente, o cenário contribuirá para uma recuperação de ânimo e força mental⁵⁹. Wilde compara uma estadia na Madeira a uma «residência de Inverno para os doentes», enaltecendo as vantagens do clima madeirense face a qualquer outro europeu⁶⁰. Podemos afirmar que foi um acérrimo defensor da Ilha como estância de saúde⁶¹, tendo apresentado um caso para provar a sua afirmação. Imaginemos o efeito deste testemunho nos doentes da época, quantos não terão seguido o conselho deste reconhecido médico?

Robert White, tendo residido cerca de quinze anos na Madeira e, incentivado pelos seus amigos, decidiu publicar em 1851, um livro que fosse «useful to strangers, and specially invalids, resorting in Madeira. The want of such information has often been regretted by visitors, and certainly none of the works hitherto published on the subject are at all calculated to supply this desideratum»⁶². Nesta afirmação conseguimos perceber, por um lado que um dos objetivos do seu trabalho foi responder à carência de informação sentida pelos visitantes e por outro, a influência da literatura de viagens na promoção do Turismo na Madeira. Um outro objetivo, para além de informar os doentes, foi exaltar o clima da Madeira para todos quantos estivessem interessados em visitar uma

⁵⁶ BOWDICH, 1825, *Excursions in Madeira* [...], p. 18.

⁵⁷ BOWDICH, 1825, *Excursions in Madeira* [...], p. 101.

⁵⁸ WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], prefácio.

⁵⁹ WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], pp. 88-89.

⁶⁰ WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], p. 110.

⁶¹ WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], p. 115.

⁶² WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. iii.

estância de inverno⁶³. Nesta asserção realçamos, já em meados do século XIX, uma outra motivação turística, a procura de algo diferente, uma mudança de rotina.

Na segunda metade do século XIX, os franceses começam a procurar a Madeira por questões de saúde, aconselhados pelos médicos⁶⁴.

Michael C. Grabham, em 1870, apresenta ao público um trabalho cujo objetivo principal foi oferecer informação «to those who seek efficient shelter from the vicissitudes of extreme climate»⁶⁵. Em sua opinião «it is here that persons who seek shelter from the winters of the North and the summers of the south, pass the period of their sojourn in Madeira. How a place apparently so small can minister for many months to the well-being and pleasure of its guests»⁶⁶.

Ao analisar a opinião de Michael C. Grabham podemos considerar que para os ingleses, em 1870, a Madeira já não era unicamente a estância de saúde e que a procura turística cada vez mais alargava os seus horizontes. Este parecer é corroborado pelo testemunho de outro visitante em 1881:

«It may be interesting to state, that whilst Madeira is still much used as a resort for consumptive patients, it is being more and more used and appreciated as a quiet resting-place for persons out of health generally, harassed business men requiring a change, etc. It possesses immense advantages for such, not only in its agreeable climate and its scenic beauty, but also in the excellent accommodation provided, and in the facility and variety of modes of approach and departure»⁶⁷.

De acordo com Rendell, no final do século XIX as motivações para visitar a Madeira eram diversas, salientando-se entre elas a necessidade de mudança de rotina, de fuga ao stress, de descanso, enfim de puro lazer.

Ellen Taylor partilha esta opinião: «For those who are not invalids, but are simply requiring rest of mind or body, Madeira affords great attractions, the botanist and geologist finding much to interest and occupy them»⁶⁸.

No entanto, para os franceses, a Madeira no final do século, era sobretudo a estância de saúde por excelência⁶⁹.

⁶³ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, pp. iii-iv.

⁶⁴ GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], p. 3.

⁶⁵ GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], p. viii.

⁶⁶ GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], p. 39.

⁶⁷ RENDELL, 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, p. 9.

⁶⁸ TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. xi-xii.

⁶⁹ GOLDSCHMIDT, 1884, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver Et Été*, p. 28.

Distância, Acessibilidades e Transportes

Desde a sua descoberta oficial pela coroa portuguesa que a Madeira ocupou uma posição estratégica no Oceano Atlântico. A distância entre os países de origem de quem nos visitou, durante o século XIX, nunca foi considerada uma desvantagem. No entanto, os meios de transporte, no início do século, constituíram o principal entrave, tendo os visitantes de recorrer aos conhecimentos dos comerciantes, para a tomada de decisão⁷⁰.

As embarcações mercantis, cedo começaram a oferecer condições mais confortáveis para os passageiros, quer ao nível da acomodação, quer ao nível das viagens⁷¹.

Em 1834, a oferta ao nível de viagens era considerada suficiente pelos visitantes⁷².

Em 1840, Cooper menciona a existência de três excelentes embarcações a efetuarem a travessia entre Londres e a Madeira⁷³.

As viagens que numa fase inicial poderiam demorar seis semanas, em 1834 apresentavam uma duração de treze dias⁷⁴ e em 1851, uma duração entre oito a doze dias⁷⁵.

White elucida-nos sobre a possibilidade de ligação marítima entre Lisboa e Madeira, para os visitantes que fizessem parte do percurso por terra, com uma regularidade mensal e ótimas condições⁷⁶.

Para os visitantes franceses a acessibilidade era também considerada suficiente⁷⁷.

Em 1870, as opiniões sobre a acessibilidade da Madeira eram muito vantajosas⁷⁸. Em 1881, Rendell afirma que as comunicações com a Ilha eram regulares, variadas e frequentes⁷⁹.

Ellen Taylor ofereceu-nos uma informação pormenorizada sobre os transportes para a Madeira. Através da sua descrição apercebemo-nos de que no final do século XIX, existiam diversas hipóteses, entre as quais relevamos⁸⁰:

- a) «The Union Steam Ship Company, Limited – The steamers of this Company leave Southampton every alternate Friday afternoon, and call at Lisbon the following Monday for mails and passengers by the “Sud” express, which left London the previous Saturday.

⁷⁰ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 6-7.

⁷¹ PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 10.

⁷² DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. Appendix n.º 1.

⁷³ COOPER, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira* [...], p. 8.

⁷⁴ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 81.

⁷⁵ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 102.

⁷⁶ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 105.

⁷⁷ GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], pp. 4-9.

⁷⁸ GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], p. 2.

⁷⁹ RENDELL, 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, p. 16.

⁸⁰ TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 1-11.

They are due at Madeira on Wednesday morning». Representantes na Madeira: Blandy Bros. & Co.;

b) «The Castle mail Packets company, Limited – The steamers of this company leave London every second Wednesday and Dartmouth on the following Friday, alternately calling at Lisbon and Las Palmas and at Lisbon and Madeira, where they are due on Wednesday morning». Representantes na Madeira: Blandy Bros. & Co.;

c) «The African Steam Ship company – This company and the British and African Steam Navigation Company maintain a fortnight service from Liverpool to Madeira every alternate Saturday, and a regular weekly service from Madeira to Liverpool». Representantes na Madeira: Blandy Bros. & Co.;

d) «The Hamburg South American Steam Ship company – The steamers of this company leave Hamburg for Madeira and the River Plate every Thursday afternoon».

Os meios de transporte na Ilha eram poucos e durante todo o século XIX resumiram-se ao uso do cavalo, da rede, do palanquim (muito pouco utilizado pelos visitantes), do carro de bois e do carro de cestos. As carruagens eram limitadas e para uso privado dos seus proprietários⁸¹. No final do século, as referências aos meios de transporte interno não sofreram alterações⁸².

Recursos Turísticos

No início do século XIX, os recursos da Ilha não foram devidamente valorizados. Para além do clima, do ar puro que se respirava na Madeira, recursos essenciais na procura do turismo de saúde, pouco mais interessava ao visitante, existindo mesmo algumas opiniões pouco gratificantes sobre a Ilha⁸³.

Quanto ao clima da Madeira, ao longo do século em estudo, as impressões que os visitantes nos legaram foram deveras favoráveis⁸⁴. A título de exemplo, transcrevemos uma das mais elucidativas:

«Cet isolement au milieu de l'océan lui donne un climat éminemment marin, avec des changements de températures insignifiants, une humidité modérée, des hivers chauds et des étés tempérés. [...] Cette ville est presque l'unique résidence des malades. Elle leur offre les meilleures conditions climatiques, le confort indispensable et les distractions un peu modestes d'une petite ville»⁸⁵.

⁸¹ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 13.

⁸² RENDELL, 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, p. 24; TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 30-31.

⁸³ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], p. 23.

⁸⁴ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], p. 18; GOURLAY, 1811, *Observations on the Natural History, Climate* [...], p. 31; S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], p. 12; DIX, 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, p. 51; GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], p. 16; GOLDSCHMIDT, 1884, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver Et Été*, p. 22.

⁸⁵ GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver*, p. 6.

Existiam outras publicações que forneciam dados específicos sobre o clima, fruto de estudos profundos, as quais optámos por não incluir neste trabalho por não se enquadrem nos nossos objetivos.

Quanto à flora e fauna da Madeira, à semelhança do que aconteceu com os estudos sobre o clima, existiram trabalhos bastante completos. Preferimos analisar as impressões que nos permitiam depreender as sensações dos visitantes perante estes recursos, as quais foram igualmente abonatórias ao longo do século XIX⁸⁶. Destas ressalvamos o testemunho de Pitta, conciso e muito esclarecedor: «Madeira, [...] might justly be termed the Garden of the world»⁸⁷.

Ellen Taylor, em 1882 e na segunda edição do seu livro em 1889, dedicou todo um capítulo à flora e fauna da Madeira, com especial ênfase para os endemismos.

A paisagem foi um outro aspeto muito exaltado durante todo o século⁸⁸, em especial a beleza das noites madeirenses:

«Among the other charms of Madeira, is the beauty of the nights. [...] the stars begin to come out, and the moon, if she is in this part of the heavens, lights up the encircling hills with an effect as beautiful, if not as brilliant, as that which is produced by the glare of mid-day. [...] As the sun went down in the Atlantic, and while the whole west was red and glowing with his beams, the moon was rising over the mountains, and seemed already to have taken full possession of the opposite east; so sudden is the transition from day to night! As I turned from one to the other; I could scarcely believe that I was not under the influence of an optical illusion»⁸⁹.

A citação acima apresentada sobre o impacto da paisagem nos visitantes é particularmente relevante para a confirmação de que ao longo do século sucederam-se diversos elogios ao cenário madeirense, disseminando a ideia de uma Ilha maravilhosa.

No que concerne a História da Ilha, a grande maioria dos autores comentaram a descoberta oficial da Madeira, relacionando-a com a lenda de Robert Machim, em particular os ingleses, dedicando um ou mais capítulos das suas publicações a esta temática.

Um outro recurso, não menos importante: os monumentos. No início do século e nas publicações com finalidades científicas, as alusões aos monumentos são fracas e por

⁸⁶ SPILSBURY, 1807, *Account of a Voyage to the Western Coast of Africa* [...], p. 9; COMBE, 1821, *A History of Madeira* [...], p. 23; DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 71; WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], pp. 92-93; COOPER, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira* [...], p. 36; TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. x.

⁸⁷ PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 59.

⁸⁸ S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], p. 28; HADFIELD, 1854, *Brazil The River Plate, and the Falkland Islands* [...], pp. 68-69; GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], p. 9; GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], p. 62.

⁸⁹ DIX, 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, p. 120.

vezes depreciativas, outras seguiram-se⁹⁰, as quais ofereceram ao leitor uma perspetiva mais aliciante:

«Sé, São Pedro, Sta. Luzia, and Sta. Maria Maior [...], and there are also several important churches and chapels attached to various houses and establishments. [...] The interior of the cathedral is notable chiefly for a decorated roof of native cedar, and though the altars, pictures, and images are poor, the special decorations are effective and full of taste. [...] The Church of the Jesuit College, recently repaired and decorated, has to show some admirable specimens of Madeira wood-work, and profuse ornamentation»⁹¹.

Ao nível dos monumentos, Ellen Taylor referiu os já focados pelos restantes autores, assim como a Igreja Inglesa, os cemitérios e alguns edifícios relevantes (capelas, conventos, igrejas, hospitais, correios, etc.)⁹².

Neste contexto podemos concluir que os visitantes do século XIX não “olhavam” os monumentos existentes na época, como fatores atrativos para a sua deslocação à Ilha.

Um outro fator, a gastronomia, pelo que nos foi possível descobrir, não era apelativo nessa época, embora existam algumas referências positivas, entre elas:

«[...] there is a much better table provided than I ever met with in Spain or Portugal. Fish is very good, and in great variety; poultry is also plentiful. The beef is excellent, from a small breed of mountain cattle [...]. Of game, there is the partridge, with snipes, woodcocks, and quails. [...] Vegetables of all kinds are abundant. [...] Of fruits, besides every kind that I think we have in England, there are the banana, guava, custard-apple, orange, lemon, lime, shaddock, pomegranate, and every description of table grape»⁹³.

No que concerne o Vinho Madeira, é implícito ser considerado como recurso para um grupo de visitantes específicos. Durante o século XIX, os comerciantes ingleses convidaram alguns escritores para conhecerem as suas casas comerciais, os seus vinhos e o método de tratamento. Estes escritores visitaram a Madeira por motivos profissionais. Nas suas publicações, para além das descrições relativas ao Vinho Madeira e às casas comerciais, abordaram nos restantes capítulos das suas publicações, temáticas arroladas com a história, clima, paisagem e outros aspetos relacionados com a Ilha. Estes trabalhos, para além dessas descrições, ostentam ilustrações extraordinárias. No entanto, e dentro deste contexto, somos de opinião que o Vinho Madeira tenha atuado como um forte meio de promoção turística da Madeira.

Um outro recurso, debatido com grande calor pelos visitantes: os passeios, ou melhor, as excursões na Ilha. No início do século as referências são escassas e transmitem

⁹⁰ PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, pp. 101-104; S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], pp. 16-23.

⁹¹ GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], pp. 47-49.

⁹² TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 41-56.

⁹³ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], pp. 69-70.

uma ideia pouco aprazível⁹⁴. Essas impressões dos visitantes, ao longo do século sofreram uma forte metamorfose, conforme poderemos aferir através das descrições de diferentes autores⁹⁵, nomeadamente: «Many of the loviest walks in the country are along paths by the side of “levadas”»⁹⁶.

No início do século os passeios resumiam-se ao centro do Funchal e aos arredores próximos, com recurso ao cavalo ou à rede. A partir de 1843, principiámos a encontrar referências a passeios mais extensos e sobretudo ao longo das levadas.

No final do século XIX, Rendell, Lady Brassley e Ellen Taylor dedicaram grande parte das suas publicações à descrição das excursões na Ilha.

Rendell, como passeios terrestres de curta duração sugeriu quinze hipóteses, entre elas, Alegria, Camacha, Monte, Palheiro, Neves, Lazareto, S.^{to} António, S. Martinho, Levada de Santa Luzia e Câmara de Lobos, assim como passeios ao longo das levadas e excursões marítimas. Nas observações de cada passeio, para além do itinerário e da duração, informou o leitor sobre o prazer que o visitante desfrutava ao longo do passeio, aludindo a elementos da paisagem, da natureza, da vegetação, das quedas de água, da orografia, etc.⁹⁷.

Ellen Taylor dedicou um capítulo do seu livro às excursões, subdividindo-as em: “Short Excursions and Rides”, “Excursions of from Three to Fourteen Days” e “Pedestrian Tours”. Nas de curta duração, que oscilavam entre uma hora de passeio a quatro horas e trinta minutos, utilizando os meios de transporte disponíveis, cavalo, rede, etc., encontrámos passeios ao Monte, a S.^{to} António, ao Palheiro e à Camacha⁹⁸.

Nas excursões de um dia (ou de sete a dez horas), Ellen Taylor oferece um plano com diferentes hipóteses: Ribeiro Frio, Grande Curral, Cabo Girão, Ponta do Sol e Lombada por terra ou mar, Pico do Areeiro, Santa Cruz ou Camacha. Quanto à excursão de três a catorze dias, foi apontada como um percurso de catorze dias, em que o turista escolheria a duração do mesmo, tendo a possibilidade de regressar ao Funchal quando desejasse. O início do percurso poderia ocorrer em Santana ou em Santa Cruz, visitando o Pico Ruivo, Boaventura, São Vicente, Ponta Delgada, Rabaçal, Paul da Serra, Seixal e terminando no Funchal. Para além deste apresentou dois planos de excursões com duração de seis dias cada, um para visitar o lado leste e outro para visitar o lado oeste da Ilha. No que concerne

⁹⁴ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], p. 24.

⁹⁵ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 158; WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. v; GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], pp. 13-14; GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D’Hiver*, p. 7; TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. xii.

⁹⁶ RENDELL, 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, p. 42.

⁹⁷ RENDELL, 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, pp. 55-68.

⁹⁸ TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 87-96.

os passeios a pé, foram enumerados doze passeios de um dia, seis de dois dias e três de três dias⁹⁹.

Dos passeios que lemos, optámos por citar a descrição de um passeio ao Rabaçal que julgámos mais explícita, a de Lady Brassey:

«Forty hammock-men with twelve hammocks arrived on board [...] immediately after they had embarked we got up steam and proceeded along the beautiful coast, past Camara de Lobos and Cabo Girão, to Calheta. [...] It was very hot on landing; but we at once got into our hammocks and were carried gaily by the trotting bearers, upwards always upwards, into a cooler air. [...] The passage through the tunnel had been like the touch of a magician's wand. From the barren moor, we had emerged into a sort of semi-tropical Killarney, rain and all, with abrupt precipices and tree-clothed crags on all sides, and ferns and mosses everywhere. [...] And the walls of the levadas; what rare studies of nature they offered! One forgot all sense of danger in gazing on the varied loveliness of the scene; [...] The path along the levada, picturesque though it otherwise was, narrow and slippery, having only a width of one brick for the men to walk on, with often a sheer precipice on one side, hundreds of feet deep, over which the hammock hung perilously when the bearers turned a sharp corner. [...] The rain seemed to fall more and more heavily; and we were not sorry to find the house of one of the Commissioners of Works (to whom we had a letter of introduction) come in sight [...]. We were hospitably received by our host; our drenched clothes were taken to be dried, and a room was given to us in which to spread our lunch [...]. Four of our number preferred, in spite of the deplorable weather, to go on to see the Vinte-cinco Fontes, or Twenty-five Fountains. [...] and how ever our bearers managed to carry us along without letting us roll over the side of the precipice is a mystery to me. Sometimes, too, they had to walk up to their knees in water, in the levada itself. [...] but the beauty of the scenery atoned for all the peril incurred. The twenty-five Fountains [...] consist in reality of one high waterfall, tumbling over a perpendicular precipice [...]. I counted thirty instead of twenty-five «fountains»; and there were numberless small ones besides. [...] As it was, I felt almost as though the scene were too enchanting to be real – that I was in a dream [...]. From this spot we went along another levada to the great Risco fountain, a straight waterfall, rushing over a sheer precipice [...]. Our bearers descended at a tremendous pace; and in an hour and twenty-five minutes from the time of leaving the refuge of Rabaçal we were on board the boat on our way to the yacht, and were soon after steaming away towards Funchal»¹⁰⁰.

Optámos por citar este passeio, uma vez que quando o lemos, as nossas dúvidas dissiparam-se. Nas descrições dos passeios a pé de outros autores, por vezes questionámo-nos sobre a forma como os visitantes os faziam, até que ponto caminhavam ao longo das levadas ou eram transportados em “rede”. Nesta descrição a autora demonstra a sua profunda admiração pela habilidade dos homens que carregavam

⁹⁹ TAYLOR, 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 96-136.

¹⁰⁰ BRASSEY, 1885, *In the Trades, The Tropics* [...], pp. 46-53.

as redes, ao não permitirem que os visitantes caíssem em certos precipícios e ao serem obrigados, em certas partes do percurso, a andar com água até os joelhos.

Ao conjugarmos as descrições de Ellen Taylor com as de Lady Brassley concluímos que os passeios a pé, ao longo das levadas, poderiam ser efetuados pelos visitantes de duas formas, a caminhar ou em “rede”.

Assinale-se que os visitantes, ao longo do século XIX, teceram diversos louvores aos recursos da Ilha¹⁰¹, dos quais realçamos:

«[...] the general influence of Madeira, in the extent and variety of its natural beauty, in grandeur of its scenery, in the vernal freshness of autumn, and the summer characters of winter, in the foreign aspect of things, in the maintenance of accustomed luxury amidst a strange and bounteous profusion, in the facilities which the place affords for general participation in its own peculiar enjoyments, and in the social attitude of the inhabitants. [...] the facility for constant open-air exercise as one of the chief reasons for coming to Madeira, and to this, in combination with other means, we are enabled yearly to trace the happiest results»¹⁰².

Como atrás explicitámos, os recursos turísticos da Madeira no século XIX estavam pouco publicitados, foram sendo descobertos pelos visitantes, com alguma ajuda dos comerciantes ingleses residentes na Ilha, conforme podemos constatar ao longo deste estudo. E, nesta fase, julgamos poder afirmar que os recursos que deliciaram os visitantes na segunda metade do século XIX são os que continuam a deslumbrar os turistas do século XXI.

Infraestruturas e Equipamentos

O cenário da ilha da Madeira, no século XIX, ao nível de portos, facilidades de transporte e meios de transporte interno não pode ser considerado muito atraente.

Desde os primórdios da descoberta da Ilha, a construção de estradas foi um ofício problemático e em certos casos impossível, face aos meios existentes na época e à orografia da Ilha. Em diferentes partes da Ilha os trilhos abertos só permitiam o acesso a pé, com grande dificuldade, e não possibilitavam o acesso a cavalo ou em rede. O transporte marítimo era o meio que estabelecia mais facilmente a comunicação entre as diferentes localidades costeiras.

Com o melhoramento das estradas surgiram meios de transporte terrestre como a corsa, o carro de bois e o carro de cesto.

¹⁰¹ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], pp. vi, 84-85; DIX, 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, p. 200; GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D’Hiver*, p. 22.

¹⁰² DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 157.

Quanto ao porto do Funchal, inicialmente o desembarque fazia-se na praia. Em meados do século XVIII fez-se uma ligação entre um dos ilhéus e a costa e posteriormente construiu-se um pequeno cais de desembarque: Em 1889 concluiu-se a construção do primeiro porto de abrigo com a ligação entre o Ilhéu de S. José e o de N. Senhora da Conceição. Ao longo do século XX sofreu diferentes ampliações e transformou-se no atual porto do Funchal.

No final do século XIX, a carência de infraestruturas era relatada pelos visitantes: «Madeira has no ports, Funchal bay being an open roadstead, exposed to winds from S: to S:W:, which however, blow but a small part of the year; the landing then is difficult, and even at times dangerous, otherwise the bay is quite calm, and the landing safe and easy»¹⁰³.

Ao nível da oferta de alojamento, os dados são escassos, no entanto podemos afirmar que no início do século XIX existiam algumas hipóteses de acomodação, oferecidas pelos comerciantes ingleses residentes na Ilha. Era aconselhado ao visitante ser portador de “cartas de recomendação” dirigidas essencialmente aos comerciantes ingleses para que estes os ajudassem a procurar o alojamento, as quais deveriam ser imediatamente apresentadas na chegada à Ilha¹⁰⁴.

Para além das acomodações facilitadas pelos comerciantes ingleses, temos notícia que em 1801, já existiriam algumas hospedarias e um médico, o Dr. Adams, já havia estabelecido uma casa para o acolhimento dos visitantes doentes¹⁰⁵.

Em 1812, o quadro manteve-se inalterado¹⁰⁶, embora com uma nova alusão: «some families, who intend to reside for a time in the island, bring with them common furniture [...] though houses for temporary residence are not scarce»¹⁰⁷.

As casas que existiam para alugar fora do Funchal, não se encontravam preparadas ao nível de aquecimento, apesar de muitos visitantes as preferirem, motivados pelo clima e pela beleza da paisagem¹⁰⁸.

Em 1819, a oferta começava a adequar-se à procura, graças à iniciativa dos ingleses residentes na Ilha:

«[...] several boarding and lodging houses (the terms of which are from three guineas to four guineas per week, including every expense), are kept for their accommodation by very respectable English people, who, for the most part, have been unfortunate in their

¹⁰³ RENDELL, 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, p. 4.

¹⁰⁴ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 6-11.

¹⁰⁵ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 11-12.

¹⁰⁶ PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 120.

¹⁰⁷ PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 28.

¹⁰⁸ PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 105.

commercial concerns; and, as here are no bankrupt laws, they have no other resource whereby to obtain a livelihood»¹⁰⁹.

Em 1834, através dos relatos de Driver confirmámos que ainda não existiam hotéis na Ilha e que face à maior afluência de visitantes, os comerciantes ingleses já não os acomodavam nas suas casas, apesar das “cartas de recomendação”¹¹⁰.

Driver ofereceu-nos uma panorâmica das possibilidades de alojamento em 1838, mencionando oito principais hospedarias no Funchal. A par das hospedarias, existia um outro tipo de alojamento: «There are several furnished cottages, or quintas, to be taken for the season, in the neighbourhood of the city, at a rent of from £60 to £200, according to the situation and size of the house»¹¹¹.

Segundo Wilde, em 1840, já existiam hotéis e pensões na Madeira:

«Besides hotels and boarding houses, families (many of whom are now resident here) can purchase houses for the winter season, although at rather a dear rate. These can be had either in the town itself, or in some of the beautiful suburban retreats [...]. Unless for those who go early in the season, it will be necessary to write beforehand, in order to procure good accommodation. So great was the demand last year, that the Portuguese, as might be expected, took advantage of it to raise the prices of their houses»¹¹².

Em 1840, a procura já atingira níveis tão elevados que a reserva de alojamento tornava-se necessária para os que tentassem visitar a Madeira no início da estação, o que nos permite deduzir que já existiria uma época alta e uma época baixa na procura turística da Madeira, refletindo-se nos preços da acomodação.

Conforme já referimos anteriormente, Wilde enaltece as qualidades do clima madeirense na esfera dos climas europeus, bem como a melhoria nas condições de acessibilidade à Ilha, com a introdução dos barcos a vapor¹¹³.

Esta foi uma contribuição fundamental para a melhoria da Oferta Turística da Madeira. Através da literatura de viagens temos conhecimento que na questão do alojamento, a comunidade inglesa, residente na Ilha, desempenhou um papel fundamental desde que a Madeira começou a receber visitantes estrangeiros.

Robert White, no seu livro publicado em 1851, ofereceu-nos um conjunto de dados sobre o alojamento na Madeira que nos permitiu analisar a questão de uma forma mais coerente. De acordo com o autor, em meados do século XIX, o cenário havia mudado substancialmente.

¹⁰⁹ S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], p. 46.

¹¹⁰ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], Appendix n.º 1, p. ii.

¹¹¹ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], Appendix n.º 1, pp. iii-iv.

¹¹² WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], pp. 109-110.

¹¹³ WILDE, 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira* [...], p. 110.

No primeiro quartel do século, existiam apenas uma ou duas pensões com fracas condições e a forma de suprir a falta de alojamento era unicamente compensada pela hospitalidade dos comerciantes Ingleses que recebiam nas suas casas os estrangeiros que lhes haviam sido recomendados. Nessa época o número de visitantes não era comparável ao de meados do século, com chegadas anuais de 300 a 400 pessoas¹¹⁴. Nesta fase, a oferta encontrava-se adequada à procura, quer em número e tipos de alojamento, oferecendo o conforto desejado pelos visitantes, quer também no âmbito da acessibilidade, através de um maior e melhor serviço de transportes marítimos.

White afirmou que o visitante ao chegar ao Funchal, não depararia com qualquer dificuldade em encontrar alojamento: «nearly all the boarding establishments, as well as those termed hotels, will receive passengers for a few days, or till they can decide on, or procure, a permanent residence»¹¹⁵.

Na sua publicação, White ofereceu-nos uma listagem enumerando os diferentes tipos de alojamento, localização e preços, ao longo do século XIX¹¹⁶.

Segundo os dados de White, analisando a oferta de alojamento das Quintas e Casas Mobiladas, podemos concluir que existiam 65 empreendimentos, 75% propriedade de portugueses e 25% de estrangeiros, maioritariamente ingleses.

Quanto aos estabelecimentos hoteleiros, em número menor, a situação era inversa. Dos 17 estabelecimentos (15 Pensões e dois Hotéis), apenas duas pensões pertenciam a famílias portuguesas.

Desta análise podemos concluir que em meados do século XIX, a oferta de alojamento na Madeira já não se encontrava exclusivamente no domínio dos ingleses e que o turismo de qualidade começava a caminhar a passos largos, algum na mão dos portugueses.

Se em 1851 existiam cerca de 82 empreendimentos dedicados ao alojamento dos visitantes, oito anos mais tarde o número já excedera os 100¹¹⁷.

Ao longo do século as menções ao alojamento mantiveram-se inalteradas.

Ellen Taylor, na 2.^a edição revista do seu livro publicado em 1889, aconselha aos visitantes cinco hotéis; três, propriedade de Mr. Reid: o Hotel Santa Clara, o Hotel do Carmo, o Deutsches Hotel Hortas; sendo os restantes dois: Jone's Private Family Hotel (Hotel "Bella Vista") e Cardwell's Hotel. Para além destes cinco hotéis, nomeia quatro pensões¹¹⁸.

¹¹⁴ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 101.

¹¹⁵ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 109.

¹¹⁶ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, pp. 111-112, 188-190.

¹¹⁷ GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère [...]*, pp. 11-12.

¹¹⁸ TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It [...]*, pp. 14-17.

Ellen Taylor elucidou-nos igualmente sobre as “*Country Inns*”, localizadas na parte norte da Ilha, nas quais incluía uma casa do governo no Rabaçal, para a qual os turistas teriam de pedir autorização às entidades governamentais¹¹⁹.

Para além destas hipóteses continuavam a subsistir as “*Furnished Houses*”, situadas, quer no Funchal, quer no meio rural¹²⁰.

Fátima Gomes, num artigo sobre Hotéis e Hospedarias na Madeira entre 1891 e 1901, reclama a carência de dados estatísticos e exhibe uma listagem dos estabelecimentos hoteleiros que haviam registado uma licença para “ter porta aberta”, acentuando que a tipologia havia sido “registada de forma imprecisa”. Da análise dessa listagem verificámos que dos 22 proprietários que solicitaram licenças no período referenciado, 15 eram portugueses e 7 estrangeiros. Saliente-se que William Reid solicitou licença para 7 empreendimentos enquanto os restantes só a solicitaram para um único empreendimento. Através dessa listagem não é possível descortinar as denominações dos empreendimentos, apenas a identificação dos proprietários e a localização dos mesmos¹²¹.

Sabemos que em 1891, o Reid New Hotel já estava construído¹²², segundo Walter Minchinton, a família Reid, teve um papel de destaque na construção do melhor hotel da Ilha entre 1889 e 1891¹²³.

Em conformidade com o atrás explicitado podemos afirmar que os comerciantes ingleses residentes na Madeira desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento do Turismo na Ilha, tendo sido os principais impulsionadores do investimento na construção de diferentes tipos de alojamento para acomodar os visitantes que desejassem permanecer na Ilha por algum tempo.

Entretenimento

No que respeita ao entretenimento, o quadro madeirense foi encarado como muito incompleto ao longo do século XIX, embora no início do século alguns autores encontrassem vantagens nessa conjuntura.

No início do século as opiniões foram expressas de forma radical: «There are no places of public amusement [...]. The principal amusement of the place is riding on horseback on paved roads»¹²⁴, factor deveras elucidativo da condição vivida.

¹¹⁹ TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 17-19.

¹²⁰ TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], pp. 20-21.

¹²¹ GOMES, 1989, «Hotéis e Hospedarias (1891-1901)», pp. 170-176.

¹²² ALBIZZI, 1891, *Madère Guide Pratique pour Malades et Touristes*, p.30.

¹²³ MINCHINTON, 1990, «Britain and Madeira to 1914», p. 518.

¹²⁴ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 12-13.

A questão da falta de entretenimento era aceite, uma vez que a saúde era mais importante e era motivo suficiente para perdoar essa imperfeição, embora a contemplação da Natureza fosse considerada uma forma de solucionar o problema:

«[W]hoever resorts to Madeira, should go there in pursuit of health; for neither the climate, the country, nor the characters of the inhabitants, however amiable, are sufficient to divert that ennui which the long residents of a busy metropolis and a colder climate must always feel from the sameness of every succeeding object. But while health, the first of all blessings, is the end in view, every other consideration will subside [...] but, without some pursuit, paradise itself (and such Madeira may in many respects be stilled) would become vapid and tedious, unless the whole man be absorbed in the contemplation of Nature and her works»¹²⁵.

O sentimento permaneceu durante o primeiro quartel do século XIX, uma vez que o entretenimento para os madeirenses assentava essencialmente nas festividades religiosas¹²⁶.

Em 1821 encontrámos um parecer mais agradável, fruto do principiar da descoberta da beleza da Ilha: «There are several delightful rides within the environs of Funchal»¹²⁷, embora persistissem algumas críticas, em parte minimizadas pela hospitalidade inglesa¹²⁸.

Em 1834, John Driver ofereceu-nos outra perspetiva, apesar de continuar a reclamar a carência de entretenimento, de cafés e o facto de o Teatro ter sido demolido¹²⁹.

Por outro lado, John Driver enaltece a escassez de entretenimento face ao tipo de visitantes da Ilha, sendo a maioria composta por doentes, o descanso era imprescindível: «it is, probably, a fortunate circumstance for invalids, that there are no public places of amusement in Funchal; for a sick person ought certainly to have nothing to do with crowded parties, theatres, &c.»¹³⁰. Até 1870, esta ideia é partilhada por outros visitantes¹³¹.

John Driver tendo visitado a Ilha por motivos de saúde, foi um visitante ativo, um verdadeiro turista, que desejou conhecer a Madeira em todo o seu esplendor, tendo efetuado diferentes passeios pela Ilha, participou igualmente em dois eventos: uma corrida de cavalos e uma mostra da flora e de horticultura madeirense¹³².

Cooper, em 1840, descreve um ambiente ligeiramente diferente e melhorado:

a) «At present there is no theatre or other place of public amusement in the town. [...] The British merchants have established a library and reading rooms, to which visitors are

¹²⁵ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 29-30.

¹²⁶ S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], pp. 39-40.

¹²⁷ COMBE, 1821, *A History of Madeira* [...], p. 47.

¹²⁸ COMBE, 1821, *A History of Madeira* [...], p. 52.

¹²⁹ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], pp. 12-13.

¹³⁰ DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 83.

¹³¹ COOPER, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira* [...], pp. 24-25; DIX, 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, p. 89; GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], pp. 57-58.

¹³² DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], pp. 31-51.

admitted by ballot. The subscription is fifteen dollars for six months, and the leading English newspapers and Periodicals are taken in. There is also a Portuguese Club, to which visitors are admitted upon the same terms as to the English rooms. During the winter months there are balls, which are generally numerously attended by both British and Portuguese»¹³³;

b) «The Funchal Club give a ball at their rooms every month during the season, and very agreeable they are; for that is one of the few occasions when the English and Portuguese are brought together; [...] these balls are a very agreeable exception to the dull monotony of Funchal life, and are looked forward to by all parties with the greatest interest»¹³⁴.

Em 1850, para além dos entretenimentos focados anteriormente, surgem menções a concertos¹³⁵ e a piqueniques em terra ou no mar¹³⁶.

Robert White, no âmbito da literatura de viagens que pesquisámos, foi o único que referiu uma outra forma dos visitantes da Madeira, ocuparem o seu tempo livre, efectuando uma viagem de ida e volta a Canárias, com a duração de uma semana a dez dias, nos meses de janeiro ou fevereiro¹³⁷.

Em 1870, embora as observações continuassem consistentes com as anteriores, deparámo-nos com um outro detalhe, o entretenimento privado: «Private entertaining is marked by an enduring sucession of dinners, luncheons, croquet parties, and pic-nics, interspersed occasionally with balls, music, &c. [...] Life in Madeira is essentially spent out of doors by all classes»¹³⁸.

Em 1889, Ellen Taylor corroborou a ideia do entretenimento privado, principalmente na esfera dos ingleses residentes na Ilha:

«Amusements, in the usual acceptance of the word, are no doubt limited. Balls, dancing-parties, dinners, and picnics occur seldom. Nevertheless, the social life in Madeira amongst the English is pleasant and easy, as frequent luncheon, and afternoon lawn tennis, and occasional musical parties make an agreeable variety to the every-day round, which to many, away from their usual pursuits, is apt to become monotonous. Picnic-parties are easily arranged and make a very agreeable variety [...]. The collector of ferns, lichens, and mosses will find ample employment and amusement [...]»¹³⁹.

Em certa medida pareceu-nos óbvio que o entretenimento na Madeira oitocentista era limitado. Ao longo do século alguns desafios foram superados, fruto da evolução da época e da alteração da procura turística, permitindo que os recursos turísticos da Ilha fossem suplantando a carência deste tipo de entretenimento.

¹³³ COOPER, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira* [...], pp. 20-21.

¹³⁴ COOPER, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira* [...], pp. 48-50.

¹³⁵ DIX, 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, p. 72.

¹³⁶ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 125.

¹³⁷ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 126.

¹³⁸ GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], pp. 57-58.

¹³⁹ TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. xiv.

Hospitalidade e Acolhimento

Pelo estudo elaborado, apurámos que a hospitalidade, desde tempos remotos esteve presente como característica inseparável do Turismo na Madeira.

As referências à hospitalidade dos madeirenses e dos ingleses residentes na Ilha multiplicaram-se na literatura de viagens, ao longo do século em estudo¹⁴⁰. Para evitar desmedidas repetições, optámos por transcrever algumas citações, as que julgámos mais esclarecedoras:

- a) «[...] in the country the people are extremely hospitable, and will not accept any return for the little assistance they may render a stranger»¹⁴¹;
- b) «No nation is posses of more elegant manners, with a greater degree of courteousness, condescension, and contentment, than the Portuguese [...] to strangers particularly, their kindness and generosity overflow»¹⁴²;
- c) «Tout le monde parle français et entoure de vives sympathies les Français qui viennent pour l’hiver à Funchal»¹⁴³;
- d) «Courtesy and kind-heartedness are the great characteristics in all classes»¹⁴⁴.

Entre as diferentes observações também nos deparámos com algumas opiniões depreciativas. Essas criticavam o tipo de personalidade dos madeirenses e a ignorância patente em algumas classes sociais, embora o mesmo autor ao referir-se à questão da hospitalidade partilhasse das opiniões acima apresentadas.

A questão do acolhimento foi outra cujos louvores avultaram nos testemunhos escritos dos visitantes do século XIX.

No início do século, o procedimento usual dos visitantes aquando da sua chegada à Ilha, após obterem a permissão de entrada, era deixarem as suas bagagens nas embarcações e dirigirem-se de imediato aos comerciantes ingleses, com as suas “cartas de recomendação”, a quem solicitavam ajuda. Os comerciantes poderiam acomodá-los nas suas residências ou indicar-lhes onde poderiam obter alojamento, ajudando-os nas formalidades alfandegárias. Normalmente ocupavam-se das bagagens, fazendo-as chegar ao local onde o visitante já se encontrava alojado¹⁴⁵.

¹⁴⁰ S.A., 1801, *A Guide to Madeira* [...], pp. 27-30; PITTA, 1812, *Account of the Island of Madeira*, p. 120; S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira* [...], p. 31; DRIVER, 1838, *Letters from Madeira in 1834* [...], p. 84; WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, p. 35; GARNIER, 1859, *Itinéraire de Paris à Madère* [...], p. 15.

¹⁴¹ SPILSBURY, 1807, *Account of a Voyage to the Western Coast of Africa* [...], p. 9.

¹⁴² GOURLAY, 1811, *Observations on the Natural History, Climate* [...], pp. 29-30.

¹⁴³ GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D’Hiver*, p. 6.

¹⁴⁴ TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. 58.

¹⁴⁵ GRABHAM, 1870, *The Climate and Resources of Madeira* [...], pp. 63-64; GOLDSCHMIDT, 1880, *Madère Étudiée Comme Station D’Hiver*, p. 25; TAYLOR, 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It* [...], p. 14.

A partir do momento em que o turismo se desenvolveu, surgiram os “intermediários” que se deslocavam às embarcações para receber os visitantes e ajudá-los em todo o processo. Os intermediários eram os proprietários dos estabelecimentos hoteleiros ou um seu representante.

Os intermediários, atualmente designados por “agentes de viagem”, tinham por missão informar o visitante sobre quintas e vilas para alugar. White, em 1851, nomeou três agentes: o proprietário do «balneário», junto ao estabelecimento de S. Wilkinson e outros dois, nas mercearias dos Senhores Wilkinson e Payne¹⁴⁶.

Com base no descrito é lícito afirmarmos que a procura desempenhou um papel primordial no turismo. Gunn é de opinião que «só havendo pessoas com vontade de viajar é que se pode conceber o desenvolvimento da actividade turística»¹⁴⁷. O quadro exposto ilustra vivamente esta afirmação.

Conclusão

O Turismo de Saúde na Madeira oitocentista foi um acontecimento de grande importância, sublinhado pela metamorfose, ocorrida nos finais do século, para um Turismo de Recreio.

As ocorrências do século XIX cumpriram um papel crucial no aperfeiçoamento da atividade turística na Ilha.

As classificações das viagens turísticas, à luz dos conceitos atuais, na primeira metade do século prevaleceram as intituladas “Saúde e Cuidados Médicos”, “Negócios e Motivos Profissionais” e “Trânsito”. Na segunda metade do século mantiveram-se as anteriormente focadas e embora a procura tenha lentamente alargado os seus horizontes, nos finais da centúria as viagens classificadas como “Férias, Lazer e Recreação” iniciaram um percurso que culminou no seu perfeito desenvolvimento durante o século XX.

Quanto às denominações de Viajante, Visitante e Turista, face aos conceitos atuais e subjacente ao exposto no presente estudo, podemos afirmar que a maioria dos Visitantes do século XIX foram “Turistas”, uma vez que se deslocavam para fora do seu ambiente habitual, por períodos inferiores a 12 meses, estando o motivo principal da sua deslocação, alheio ao exercício de uma atividade lucrativa principal e que praticavam diferentes atividades no local visitado.

¹⁴⁶ WHITE, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, pp. 112-113.

¹⁴⁷ GUNN, 1988, *Tourism Planning*, p. 45.

Demonstrámos que os “doentes”, que visitaram a Ilha, usufruíram dos seus recursos turísticos, através de passeios de barco, rede, etc. e participaram em piqueniques, bailes, eventos e outras atividades de carácter lúdico.

No que concerne os fatores que influenciaram a procura turística, realçamos as motivações e necessidades dos visitantes, assim como a distância da Ilha face aos centros emissores de turistas.

O alojamento não foi um fator de grande relevância, os turistas chegavam sem alojamento confirmado, na sua bagagem transportavam apenas cartas de recomendação dirigidas aos comerciantes ingleses que prontamente intercediam em seu favor. No final do século, apesar do alojamento se ter adequado à procura, os turistas continuaram a chegar sem reserva antecipada, plenamente confiantes de que encontrariam na Ilha alguém que os ajudaria a solucionar a questão.

Quanto à acessibilidade e aos transportes, o respetivo papel foi crucial. O Turismo desenvolveu-se a par da evolução destes dois fatores, sem os quais, por muita vontade e interesse que existisse por parte dos turistas, não teriam conseguido atingir os seus objetivos.

Em certa medida pareceu-nos óbvio que o entretenimento na Madeira Oitocentista era limitado. Ao longo do século alguns desafios foram superados, fruto da evolução da época e da alteração da procura turística, permitindo que os recursos turísticos da Ilha fossem suplantando a carência deste tipo de entretenimento.

As referências à hospitalidade dos madeirenses e dos ingleses residentes na Ilha multiplicaram-se na literatura de viagens, ao longo do século em estudo.

De acordo com a análise realizada, os principais pilares responsáveis pela evolução da atividade turística na Madeira Oitocentista, foram os recursos turísticos da Ilha. Num primeiro momento foi o clima, independentemente das condições de nível de transportes, acessibilidade, infraestruturas, equipamentos, etc. Num segundo momento, o clima, coadjuvado pelos restantes recursos naturais da Ilha, pela promoção dos próprios visitantes e pela melhoria da oferta propiciaram o progresso do Turismo na Madeira.

Temos consciência de que não esgotámos esta temática e perante a quase inexistência de estudos, neste âmbito, julgamos pertinente elaborar o presente trabalho que esperamos venha a tornar-se útil para todos os que até a data têm sentido essa necessidade de informação.

Referências Bibliográficas

- ALBIZZI, Le Marquis Degli, 1891, *Madère Guide Pratique pour Malades et Touristes*, Zurich, Orrel Fussil & Co.
- AMORIM, Diogo Pacheco de, 1937, *Relações Comerciais de Portugal com a Inglaterra*, Typ. Popular, Figueira da Foz.
- ANSON, G., 1749, *A voyage round the world, in the years MDCCXL, I, II, III, IV*. London, John and Paul Knapton.
- AZEVEDO, Pedro, 1927, *História da Diplomática em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- BIDDLE, Anthony J. Drexel, 1900, *The Madeira Islands*, London, Hurst & Blackett.
- BLOXAM, J. M., 1855, *The Climate of the Island of Madeira, or the Errors & Misrepresentations on this Subject contained in a Recent Work on Climate by T. H. Burgess, M. D., considered in A Letter addressed to George Lund*, London, M. D. T. Richards.
- BOWDICH, T. Edward, 1825, *Excursions in Madeira and Porto Santo during the Autumn of 1823*, London.
- BRASSEY, Lady Anne, 1885, *In the Trades, The Tropics, & The Roaring Forties*, London, Longmans, Green, & Co.
- CÂMARA, Benedita, 2002, *A Economia da Madeira (1850-1914)*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- CÂMARA, Paulo Perestrello da, 1841, *Breve Notícia sobre a Ilha da Madeira ou Memórias sobre a sua geographia, Historia, Geologia, Topographia, Agricultura, Commercio, etc.*, Lisboa, Typographia das Bellas Artes.
- CHAVES, Castelo Branco, 1987, *Os Livros de viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projecção europeia*, 2.ª ed., Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- COMBE, William, 1821, *A History of Madeira with A Series of Twenty-seven coloured Engravinds, Illustrative of the Costumes, Manners, and Occupations of the Inhabitants of that Island*, London, R. Ackermann.
- COOK, Chris, 1999, *Britain in the Nineteenth Century 1815-1914*, London and New York, Longman.
- COOPER, William White, 1840, *The Invalid's Guide to Madeira, with a description of Tenerife, Lisbon, Cintra, Mafra, etc. and a Vocabulary of the Portuguese and English Languages*, London, Smith, Elder and Co.
- CORVO, João Andrade, 1854, *Memórias sobre as Ilhas da Madeira e Porto-Santo*, Memória I, Funchal.
- COSSART, Noël, 1984, *Madeira the Island Vineyard*, London, Christie's Wine Publications.
- CROFT-COOKE, Rupert, 1961, *Madeira*, London, Putnam & Company Limited.

- CUNHA, Licínio, 1997, *Economia e Política do Turismo*, Portugal, McGraw-Hill.
- CUNHA, Licínio, 2007, *Introdução ao Turismo*, 3.^a ed., Lisboa e São Paulo, Verbo.
- DIX, J. A., 1850, *A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence*, New York, William Holdredge.
- DRIVER, J., 1838, *Letters from Madeira in 1834; with an Appendix, Illustrative of the History of the Island, Climate, Wines, and other information up to the year 1838*, London, Longman.
- DRUMMOND DE MENEZES, Sérvulo, 1849-50, *Uma época administrativa da Madeira e Porto Santo a contar do dia 7 de Outubro de 1846*, Funchal, Typ. Nacional.
- DYSTER, F. D., 1854, *Madeira as a Residence for Invalids: with a series of Meteorological Observations made in the Island*, London, T. Richards.
- FAIRPLAY, 1850, *Suum Cuique*, London, Francis & John Rivington.
- FERNANDES, Julieta et al., 1982, *Os Transportes na Madeira*, Funchal, DRAC.
- FERRAZ, Maria Lourdes F., 1994, *Dinamismo Sócio-Económico do Funchal na Segunda Metade do Século XVIII*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- GARNIER, P., 1859, *Itinéraire de Paris à Madère, par le docteur P. Garnier*, Paris, J. B. Baillière et Fils.
- GOLDSCHMIDT, J., 1880, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver*, Paris, Adrien Delahaye et Émile Lecrosnier, Éditeurs.
- GOLDSCHMIDT, J., 1884, *Madère Étudiée Comme Station D'Hiver Et Été*, Paris, Adrien Delahaye et Émile Lecrosnier, Éditeurs.
- GORDON, Sir. Charles Alexander, 1894, *The Flower of the Ocean, the Island of Madeira: a resort for the invalid; a field for the naturalist*, London, Baillière & Co.
- GOURLAY, W., 1811, *Observations on the Natural History, Climate and Diseases of Madeira, during a period of Eighteen Years*, London, J. Callow, Medical Bookseller.
- GRABHAM, Michael C., 1870, *The Climate and Resources of Madeira, as Regarding Chiefly the Necessities of Consumption and the Welfare of Invalids*, London, John Churchill & Sons.
- GREGORY, Desmond, 1988, *The Beneficent Usurpers, A History of the British in Madeira*, London and Toronto, Associated University Presses.
- GUNN, Clark, 1988, *Tourism Planning*, New York, Taylor & Francis.
- HADFIELD, W., 1854, *Brazil The River Plate, and the Falkland Islands; With the Cape Horn Route to Australia. Including Notices of Lisbon, Madeira, The Canaries, and Cape Verds*, London, Longman, Brown, Green, and Longmans.
- HALL, C. M., WILLIAMS, A. M. e LEW, A. A., 2004, *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget.

- HARCOURT, Edward Vernon, 1851, *A Sketch of Madeira: containing Information for the Traveller, or invalid Visitor*, London, John Murray.
- HODGSON, Studholme Captain, 1838, *Truths from the West Indies including a sketch of Madeira in 1833*, London, William Ball.
- INE, 2017, *Estatísticas do Turismo 2016*, disponível em <https://www.ine.pt>, consultado em 2018-07-03.
- JOHNSON, James Yate, 1885, *Madeira its Climate and Scenery. A Handbook for Invalid and other Visitors with Chapters on the Fauna, Flora, Geology and Meteorology*, London, Dulau & Co.
- KOEBEL, William, 1909, *Madeira, Old and New*, London, Francis Griffiths.
- LAMAS, Maria, 1956, *Arquipélago da Madeira Maravilha Atlântica*, Funchal, Eco do Funchal.
- LETHBRIDGE, Alan, 1924(?), *Madeira, Impressions and Associations*, London, Methuen & Co. LTD.
- LYRA, Manuel Inisio da Costa, 1888, *Propostas Apresentadas na Comissão de Inquerito creada para Estudar as Causas da Crise Economica da Madeira*, Funchal, Typ. Esperança.
- MANSON, J., 1850, *A Treatise on the Climate and Meteorology of Madeira*, London, John Churchill.
- MARSH, A. E. W., 1892, *Holiday Wanderings in Madeira*, Sampson Low, London, Marston & Company.
- NEPOMUCENO, Rui, 1994, *As Crises de Subsistência na História da Madeira*, Lisboa, Caminho.
- NICHOLAS, Elizabeth, 1953, *Madeira and the Canaries*, London, Hamish Hamilton.
- PICKEN, Andrew, 1842, *Madeira illustrated*, Fac-símile da 2.^a ed. de Londres, Day & Haghe, ed. James Macaulay, 1991, Porto, Litografia Nacional.
- PIMENTA, Alfredo, 1942, *Estudos Históricos – XVIII Para a História das relações entre Portugal e a Inglaterra*, 4.^a ed., Lisboa, Edição do Autor.
- PIO, Manuel Ferreira, 1992, *O Monte, Santuário Votivo da Madeira*, 3.^a ed., Funchal, Junta de Freguesia do Monte.
- PITTA, Nicolau Bettencourt, 1812, *Account of the Island of Madeira*, London, Longman.
- RENDELL, J. M., 1881, *Concise Handbook of the Island of Madeira*, London, Kegan Paul & CO.
- RIBEIRO, Emanuel, 1936, *Terra Nossa*, Porto, Maranus.
- RIBEIRO, Vitor, 1917, *Privilégios de Estrangeiros em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- ROY, Nash, 1990, *Scandal in Madeira*, Great Britain, Antony Rowe.
- S.A., 1801, *A Guide to Madeira: Containing a Short Account of Funchal, with Instructions to such as Repair to that Island for Health*, London, T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row.

- S.A., 1819, *An Historical Sketch of the Island of Madeira; Containing an account of its Original Discovery and First Colonization; Present Produce; State of Society and Commerce*, London, F. S. Hopkins.
- S.A., 1827, *Rambles in Madeira and in Portugal*, London, C. & J. Rivington.
- SARMENTO, Alberto Artur, 1951, *Fasquias & Ripas da Madeira*, 2.^a ed., Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- SARMENTO, Alberto Artur, 1952, *Ensaio Históricos da Minha Terra*, 3.^o vol., 2.^a ed., Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- SARMENTO, Alberto Artur, 1947, *Ensaio Históricos da Minha Terra*, 2.^o vol., 2.^a ed., Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- SERRÃO, Joel (dir.), 1975, *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Liv. Figueirinhas.
- SHAW, L. M. E., 1998, *The Anglo-Portuguese Alliance and The English Merchants in Portugal 1654 – 1810*, United Kingdom and USA, Ashgate.
- SHILLINGTON, V. M. e CHAPMAN, A. B. Wallis, 1907, *The Commercial Relations of England and Portugal*, London, George Routledge & Sons.
- SILBERT, Albert, 1997, *Un Carrefour de l'Atlantique: Madère (1640-1820)*, Funchal, SRTC, CEHA.
- SILVA, Iolanda et al., 1985, *A Madeira e o Turismo, Pequeno Esboço Histórico*, Funchal, SRTCE, DRAC.
- SILVA, J. Donald, 1987, *A Bibliography on the Madeira Islands*, Essays in Portuguese Studies, University of New Hampshire, International Conference Group on Portugal.
- SILVA, Padre Fernando Augusto da e MENEZES, Carlos Azevedo de, 1984, *Elucidário Madeirense*, Fac-símile da edição de 1946, Funchal, SRTC, DRAC.
- SIMÕES, Álvaro et al., 1983, *Transportes na Madeira*, Funchal, DRAC.
- SMITH, Adam, 1999, *Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, trad. Luís Cristóvão de Aguiar, 3.^a ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- SOUSA, João José Abreu de, 1989, *O Movimento do Porto do Funchal e a conjuntura da Madeira de 1727 a 1810, Alguns Aspectos*, Funchal, DRAC.
- SPILSBURY, F., 1807, *Account of a Voyage to the Western Coast of Africa, performed by His Majesty's Sloop Favourite, in the year 1805*, London, Richards Phillips.
- STAUTON, G., 1797, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*, London, G. Nicol, Bookseller to his Majesty.
- TAYLOR, E., 1882, *Madeira: Its Scenery and How To See It. With Letters of a Year's Residence and Lists of the Trees, Flowers, Ferns, and Seaweeds*, London, Edward Stanford.
- TAYLOR, E., 1889, *Madeira: Its Scenery and How To See It. With Letters of a Year's Residence and Lists of the Trees, Flowers, Ferns, and Seaweeds*, 2.^a ed., London, Edward Stanford.

- TRIGO, Adriano A. e TRIGO, Annibal A., 1910, *Roteiro e Guia do Funchal*, Funchal, T. Esperança.
- UNWTO, 2016, *International Recommendations for Tourism Statistics 2008 Compilation Guide*, disponível em http://statistics.unwto.org/content/irts2008_cg, consultado em 2018-06-03.
- VIEIRA, Alberto, 1993, *História do Vinho da Madeira Documentos e textos*, Funchal, CEHA.
- VIZETELLY, Henry, 1880, *Facts about Port and Madeira with notices of the wines vintaged around Lisbon, and the wines of Tenerife*, London, Ward, Lock, and Co.
- WATKIN, David, 2002, *English Architecture*, London, Thames & Hudson Ltd.
- WHITE, Robert, 1851, *Madeira its Climate and Scenery*, London, Cradock & Co.
- WILDE, W. R., 1840, *Narrative of a Voyage to Madeira, Tenerife and along the shores of the Mediterranean, including a visit to Algiers, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus, and Greece*, Dublin, Longman.
- WILSON, Richard and MACKLEY, Alan, 2000, *Creating Paradise, The Building of the English Country House 1660-1880*, London and New York, Hambledon & London.
- WOODCOCK, Thomas and ROBINSON, John Martin, 1988, *The Oxford Guide to Heraldry*, New York, Oxford University Press.

Artigos e Revistas

- CARITA, Rui, 1987, «Andrew Picken e a Madeira», in *Revista Atlântico*, n.º 10, Funchal, pp. 107-110.
- CASTELO BRANCO, Maria dos Remédios, 1989, «Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira, 1986*, Funchal, GRM, SRTCE, DRAC, pp. 198-246.
- GOMES, Fátima Freitas, 1989, «Hotéis e Hospedarias (1891-1901)», in *Revista Atlântico*, n.º 19, Funchal, pp. 170-176.
- HALL, C. M., WILLIAMS, A. M. e LEW, A. A., 2004, «Turismo: Conceitos, Instituições e Temas», in LEW, Alan A., HALL, C. Michael e WILLIAMS, Allan M. (coord.), *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 23-41.
- MARQUES DA SILVA, António Ribeiro, 1990, «Os inícios do Turismo na Madeira e nas Canárias. O domínio inglês», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 469-475.
- MECKERCHER, Bob, LEW, Alan, 2004, «Correntes Turísticas e Distribuição Espacial dos Turistas», in LEW, Alan A., HALL, C. Michael e WILLIAMS, Allan M. (coord.), *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 57-70.

- MINCHINTON, Walter, 1990, «British Residents and their Problems in Madeira before 1815», in *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 477-492.
- MINCHINTON, Walter, 1989, «Britain and Madeira to 1914», in *Actas do I Colóquio Internacional de História da Madeira, 1986*, Funchal, GRM, SRTCE, DRAC, pp. 489-523.
- MORGAN, Nigel, 2004, «Problematizar a Promoção de Lugares», in LEW, Alan A., HALL, C. Michael e WILLIAMS, Allan M. (coord.), *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 201-211.
- ROBINSON, Mike, 2004, «Narrativas de Estar Noutra Sítio: Turismo e Literatura Turística», in LEW, Alan A., HALL, C. Michael e WILLIAMS, Allan M. (coord.), *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 341-353.
- S.A., s.d., «The Literature of Travel, 1700-1900», in *The Cambridge History of English and American Literature*, vol. XIV, disponível em <http://www.bartleby.com>, consultado em 2018-05-21.
- SARMENTO, Alberto Artur, s. d., «Madeira 1801 a 1802, 1807 a 1814, Notas e Documentos», Funchal, Separata do Diário de Notícias.
- SMITH, Stephen, 2004, «A Dimensão do Turismo Global: Velhos Debates, Novos Consensos e Desafios Contínuos», in LEW, Alan A., HALL, C. Michael e WILLIAMS, Allan M. (coord.), *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 45-55.
- VIEIRA, Alberto (coord.), 2010, *História da Cidade do Funchal: Economia de uma Cidade Portuária*, disponível em <http://www.calameo.com/books/0000104920e3a2093b487>, consultado em 2018-05-20.
- VIEIRA, Alberto, 2008, «A História do Turismo na Madeira. Alguns Dados para uma Breve Reflexão», in *TURISMO Revista de la Escuela Universitaria de Turismo Iriarte*, Puerto de la Cruz, Tenerife, pp. 95-117.

